

Antecedentes (Anos 50/60) – T. C. A.

1954 – O tiro que Vargas deu com a bala e com a “Carta Testamento” é o divisor entre o Brasil de um desenvolvimento autoritário – primeiro Governo Vargas – o Brasil de uma tentativa de democracia autônoma voltada para a melhoria das condições de vida da chamada “massa” ou “povo”, que estava associado à palavra “nação” – segundo Governo Vargas – e o Brasil da tentativa de governo liberal acoplada à política norte-americana do pós-guerra: a *Pax* americana e a Guerra Fria. Na Argentina, Perón, na linhagem de Getúlio, é destituído em 1955, e Cuba, tornando-se em seguida comunista, tem sua revolução em 1958/59.

Nasci em 1957. Meu tio Cleon, irmão de meu pai, morre de overdose aos 22 anos de idade.

Thereza

Visito minha mãe no Jardim Botânico

Faz 2 anos que ela morreu

Parece que faz uma vida

Tenho tanta saudade

Das conversas

Do uísquinho, até do barulho nervoso do gelo

O excesso de uísque ajudou a matá-la

Pena que os excessos matem

Já conheci quem morreu de amor

De excesso e falta

A árvore que eu e minha irmã escolhemos para depositar suas

Cinzas não tem nada de excepcional

É uma Tiliaceae da Malásia

Ela me parece velha
Foi um descuido espalhar as cinzas numa
Árvore que pode tombar logo
Mesmo antes da minha morte
Me parece um canto agradável
Ela deve estar contente no céu
Estou aqui na terra

Depositar cinzas de cremação no Jardim Botânico
É proibido. Tirar fotos de casamento pode
Imagino se todos depositassem seus mortos no
Jardim Botânico se assemelharia ao Ganges
Todo humano deveria passar uma tarde
Olhando uma cremação no Rio Ganges, na Índia
Depois de pôr fogo no morto, com a presença da
Família, com um pedaço de pau dilaceram-se os
Ossos e o crânio que são muito resistentes ao
Fogo. Tudo é calmo e sagrado. As cinzas vão para o rio

Minha mãe não sofreu muito ao morrer
Eu e minha irmã ficamos contidos. Nossa família é
Assim. Fatalista. Já me falaram que é um resquício
Aristocrático. Sempre nos orgulhamos da
República. Em volta da Tiliaceae nasceram cogumelos
Cada vez que visito minha mãe tem novidade
Em volta da árvore. Minha mãe está sempre

Presente e o chão sempre apresenta surpresas
Os cogumelos formam um ajuntamento como uma ninhada
Do meio salta uma flor! É da raça das Therezas.

CEP  20000

COQUETEL
MAIAKOVSKI

APRESENTA

POESIA

- GUILHERME ZARVOS
- GUILHERME LEVI & MICHEL MELAMED

TEATRO

- BIANCA RAMONEDA
- MARTA DIAZ
- FLÁVIA GUIMARÃES
- ROBERTA MALTA & FELIPE VASCONCELOS
- GRUPO TÁ NA RUA



MÚSICA

- ÂNGELA LIMA
- ALEXANDRE HUDSON
- MARCO ANTÔNIO MONTEIR
- MAZÉ SANT'ANNA & DORI YANE

VÍDEO

- NOME - ARNALDO ANTUNI
- COMPOSIÇÃO - MARCOS FERRER

QUARTA 27/7 22:00

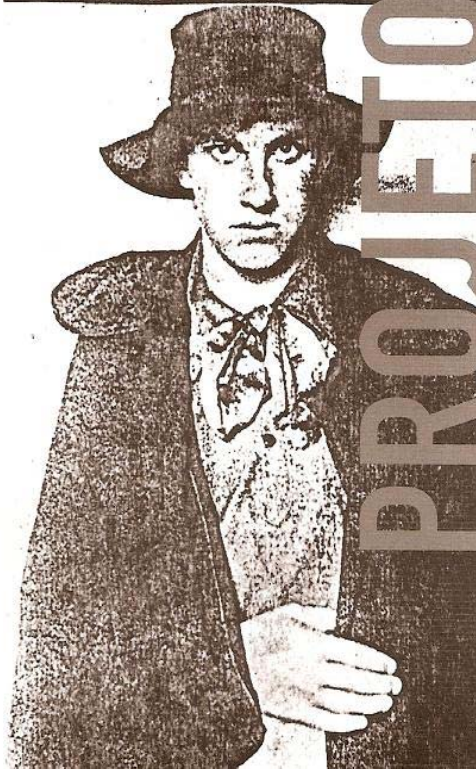


RIO ARTE

O desejo de disseminar a poesia nas escolas de ensino médio, homenageando o enorme poeta revolucionário russo, ainda pode ser ampliado. É complicado para este aluno adolescente, público de sarau, imaginar que a poesia bem dita pode ser tão legal como um show de música ou de teatro. Duas boas experiências foram realizadas no CEAT e no São Vicente de Paulo. Está dentro de nossas ambições poder tornar mais constante as experiências com escolas particulares e da rede pública.

CIRCUITO
MAIAKOVSKI
NO SÃO VICENTE
COM CHACAL
E GUILHERME
LEVI

В.В.МАЯКОВСКИЙ



PROJETO MAIAKOVSKI

Minha incapacidade de prosseguir sem ser confessional

Thereza Maria de Carvalho Cesario Alvim, depois Zarvos, nasceu no Rio de Janeiro em 1932, filha de um Juiz (desembargador), José Cesario Alvim e neta de dois Senadores da República Velha: um deles, por Minas Gerais, Cesario Alvim, homem probo e liberal-conservador. Quando morreu, é lenda na família, o seu inventário dizia “devo a fulano, a sicrano...”. Por sinal é bom ler *Oito Décadas – Memórias*, de Carolina Nabuco, para ver as dificuldades financeiras que mesmo um homem como Joaquim Nabuco podia ter.

“De todos os presentes que recebi na infância o que maior alegria me causou foi ser trazido por meu Pai, inesperadamente, uma tarde ao voltar da cidade. Pareceu-me um verdadeiro milagre receber de uma só vez quatro livros (incrivelmente quatro!) da pena de minha querida Condessa de Ségur. Meu pai deve ter tido, naquele dia, um inesperado reforço às suas finanças, que eu bem percebia não serem boas”.
(Nabuco, 1973)

Cesário Alvim foi Prefeito do Rio de Janeiro no Império. Contra, na Constituição de 1889, a criação do Imposto de Renda; morreu com dívidas ao fisco, que seus filhos herdaram. A irmã de José Cesario Alvim, pai de Thereza, Sylvia, que morreu na Gripe Espanhola de 1918, era mãe, entre outros, de Virgílio Alvim de Melo Franco, do Senador Affonso Arinos e de Maria do Carmo Melo Franco Nabuco. Com a escolha de Benedito Valadares para interventor de Minas Gerais em 1933 a família Melo Franco se divide, pois Rodrigo Melo Franco de Andrade continua trabalhando com Getúlio e com a morte de Virgílio, vista por parte da família como um possível atentado político, a família acaba por ajudar na fundação da UDN. Em 1931, no casamento de Maria do Carmo Alvim de Melo Franco com José Tomas Nabuco, Getulio Vargas estava presente já que Afrânio de Melo Franco, pai de Maria do Carmo, era Ministro da Justiça de Vargas. O rompimento com Getulio leva um certo engajamento da família Cesario Alvim com a UDN. A irmã de Thereza Maria, Maria Amélia, sua irmã mais velha e que ajudou a criá-la, foi mulher de Sérgio Buarque de Holanda. A diferença entre os onze filhos que sobreviveram à mãe Maria do Carmo de Carvalho Cesario Alvim – esta passagem do texto transforma-se numa homenagem às Marias e aos Buendias – era enorme e, por problemas de saúde na família – com uma irmã – parte dela foi morar na França. Era 1939. Minha mãe, Thereza, além de ter participado, com 7 anos, da retirada de Paris, na fronteira da França com a Espanha observou horrorizada espanhóis franquistas esperando, com pedaços de pau, espanhóis refugiados tendo de voltar por causa do avanço alemão. Viu a cara de horrorizado de seu pai. O senso de justiça ia para o bem se formando.

O *patriciado* é colocado por Darcy Ribeiro como fazendo parte do topo das classes sociais junto com o *patronato*. Esta diferenciação se fazia mais presente tempos atrás. O patriciado – altos funcionários dos três poderes e empresas estatais no exterior etc, do país – possivelmente hoje não recebe tantos provimentos quanto o setor privado. Está página é um diálogo de afeto por um

passado que me é **leve**. Gente representando o conservadorismo como homens da pátria. Cada um com sua ideologia.

VITOR PAIVA:

(...) é, ao mesmo tempo, um palco de livre circulação de arte e um espaço de livre circulação de pessoas. A princípio, o cerne do evento é a poesia falada. Mas essa especialização se estende democraticamente na direção da música, da performance, teatro, da dança, do cinema e de qualquer outra arte ou mídia que venha a nascer ou que tenha aqui sido esquecida. O artista se mistura com o público – e, na maioria das vezes, é mesmo do meio da platéia que ele surge caminhando na direção do palco, após ter sido evocado por um dos que, porventura, estejam apresentando o CEP naquela noite – e o novato com o mestre. A química inominável do evento é mesmo essa (como se fosse um cheiro ou uma sensação que só ali existe): confiar no seu instinto para dar ao CEP o devido mérito que você sabe que ele tem, mas que ele não ostenta. Aparenta, logo de cara, ser o melhor lugar em que você já esteve na vida, e um lugar qualquer que pode se diluir na memória nesse próximo segundo.⁴⁵

Num período posterior – não muito longo, mas fundamental –, Thereza morou com sua irmã, em São Paulo, e Sergio Buarque fazendo charme, incentivava suas leituras e a deixava confiante na temida e suada biblioteca formada aos poucos, com esforço, dele e de Maria Amélia. O que sobrava ia para os livros, às vezes para o desespero dela, que chegou a proibir o marido de aumentar as contas nas livrarias e, num código cúmplice, ele passava seus objetos de trabalho e de prazer para Babá, que os contrabandeava para casa para que Maria Amélia fingisse que não sabia. Tudo com muita seriedade e alegria. “Alegria gera alegria”. Este ambiente tanto da rua Haddock Lobo, como posteriormente, minha mãe já estava casada, na rua Buri, trouxe para a adolescente e jovem mulher o entendimento da importância do saber. O seu outro avô, o Senador Costa Carvalho, era um empreendedor paulista e um político que representava os interesses internacionais. Filho de baiano. Participou da fundação do Banco Mercantil e do jornal *O Estado de São Paulo*. Morreu no exílio devido à Revolução Paulista. Para minha mãe ele representava um mau exemplo de forma de fazer política. Na minha casa, desde

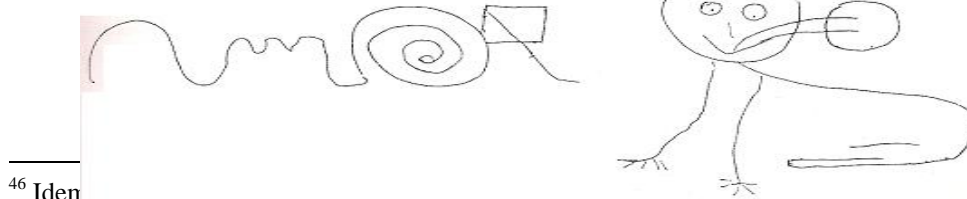
⁴⁵ Vitor Paiva, no artigo *Sobre vivências* (Zarvos, 2005), poeta e músico, participou da organização do CEP entre 2000 e 2003.

que me entendo como gente, 7 anos, tinha de ser ético e defender posições políticas. Pelo menos meu irmão Nick e eu.

*Após a primeira palavra urrada na direção do povo que habita o Sérgio Portonesses dias de CEP, tudo se encaixa. O poema lido no palco é a cerveja tomada no bar do teatro. O beijo da gatinha e do gatuno na fila da entrada é o passo da dança do Minotauro é a chapinha na testa do Maurição meu chapa é o tremer da palma do cara que vai rodopiar um solo de guitarra enquanto Shakespeare finalmente se permite botar a mão nas ancas e dançar em movimentos ridículos uma dança chamada moderna, porém démodé.*⁴⁶

Com meus cabalísticos sete anos veio o Golpe de 64, Thereza era jornalista da *Última Hora* e a política passou a ser cada vez mais premente na minha família. Thereza Maria havia se casado em 1953, em Paris, com Nicolau Zarvos Filho, filho de um migrante grego: Nicolau Zarvos, casado com Haydée (Motta Mello, de solteira) Zarvos, filha de uma família, naquele momento, decadente, dos ciclos dos fazendeiros do café do interior paulista. Seu pai foi prefeito de Lins, cidade onde meu pai nasceu. Nicolau Zarvos, foi um grande comerciante e especulador de mercadorias, morreu com 49 anos, após uma operação feita nos EUA. Nicolau chegou ao Brasil vindo da Grécia com 11 anos, sem dinheiro algum, seus dois irmãos foram embora logo, e aos 23 anos já era um homem rico. Emprestou a sede do PC em São Paulo, em 1945, e ajudou a financiar o comício no Pacaembu porque gostava do Prestes, que conheceu enquanto exportava café e Prestes estava no exílio na Argentina. Estranho, agora me dou conta: dois bisavôs e dois avôs morreram fora do Brasil.

Era 1949, e meu pai, com 23 anos, não soube administrar o dinheiro da família, o que acarretou sua primeira falência e a saída do Brasil, quando casou com minha mãe. Ajudado pela família, faliu novamente e novamente foi para fora do Brasil, em 1959 e minha mãe com nós cinco, eu com dois anos, viemos para o Rio de Janeiro. Não vi meu pai de 2 até os 8 anos de idade.



⁴⁶ Iden..

SÉRGIO COHN:

Uma particularidade do CEP que vai contra, de uma forma muito positiva, uma certa lei do nosso tempo que é uma lei de privilegiar o falar ao ouvir. O CEP 20.000 sempre foi um espaço de fala, mas vindo de São Paulo sempre me surpreendeu chegar aqui um bando de garotos sentados ouvindo poesia e concentrados. Isso é mais surpreendente do que parece, não só por ser garotada e poesia, mas porque eu tenho uma editora. Quando você abre uma editora e fala: “vou editar poesia”, você descobre uma coisa terrível. Poesia não vende, isso todo mundo sabe. Mas você recebe 500 originais por dia. Todo mundo escreve poesia. Eu tenho uma editora, todo amigo meu fala que tem um primo que escreve poesia, tenho um vizinho que escreve poesia. Esse pessoal não consome não se interessa por poesia. Isso é uma coisa muito séria. Essa coisa do querer muito se expressar, mas não querer ouvir o outro, é quase uma doença, se não for uma doença mesmo. É uma coisa muito séria do nosso tempo.⁴⁷



F 8



F 9



F 10

Mas era antes – 1953.

Thereza Maria, católica, virgem, achando-se e sendo inteligente e vivaz, tendo freqüentado a PUC do Rio de Janeiro no início do tempo de Candido Mendes, Rachel Jardim e Álvaro Americano, ainda no prédio do Colégio Santo Inácio, queria, com 21 anos, viver muito e ser feliz. Pensou, quando em Paris, numa visita prolongada à sua família, que seria maravilhoso casar-se com Nicolau, um “grego” de 26 anos muito gastador e galanteador, e só quando foi morar com ele numa fazenda no interior do Estado de São Paulo – o fim do mundo para uma jovem criada em Copacabana – é que descobriu o outro lado da *moneda*. Lendo Eça de Queiroz e sofrendo, convenceu meu pai a mudar-se para São Paulo. Nicolau, mais tarde, vociferava que foi isto que o levou à bancarrota, pois o padrão que Thereza Maria esperava, somado às dificuldades de plantio, levaram-

⁴⁷ Fala do poeta e editor Sergio Cohn no lançamento da revista *CEPensamento*, no Espaço Cultural Sérgio Porto, outubro de 2005.

no a cometer trapalhadas que culminaram com sua falência e a possibilidade de prisão. Embarcou, com a ajuda de sua família, para a Europa. Esperava que Thereza fosse com ele e que aguardassem juntos até que a situação jurídica no Brasil melhorasse. Não sei se nós cinco irmãos iríamos ou ficaríamos com minha avó materna em São Paulo. Thereza Maria, deu o seu grito-que-fico no Brasil e, para horror desta parte da família paulista, se mudou com os rebentos para o Rio de Janeiro. A família greco-quatrocentona estrilou e falou que se Thereza Maria ficasse em São Paulo teria o que fosse necessário, porém, no Rio de Janeiro, o mínimo. Com sua infância numa casa de estilo normando na rua Gullar, atual Duvivier, sua adolescência na Avenida Atlântica, agora se apinhava com babá e os cinco filhos na Miguel Lemos, num apartamento que hoje me pareceria “uma graça”, mas nas primeiras recordações que tenho – tinha três anos – o que sentia era falta de espaço. Era a troca de um duplex na Avenida Paulista, perto do casarão da minha avó, para a liberdade sem muito dinheiro na capital cultural do país: “... de dia falta água, de noite falta luz...”. Thereza, já bebericada, anos depois repetia: – Fiquei socialista por pena de rico.

Era fim de 1959.

DEU NO JORNAL⁴⁸

(para Pedro Luis, Carlinhos Brown e Filhos de Gandi)

“Grupo chinês Mistura Olodum e Monobloco”. Criado em 2006 pela dupla de músicos americanos – de origem asiática – Jimmy Biala e Leon Lee(...)



⁴⁸ *O Globo*, Segundo Caderno – pág 8 - sexta-feira, 22 de fevereiro de 2008

Certas estavam as mães de Thereza e Nicolau. Enquanto o par romântico combinava o casamento relâmpago em Paris, uma lembrava: – Falaram-me do gênio ruim de Nicolauzinho. Lembre-se minha filha, ele é oriental -. Enquanto isto Nicolau recebia uma carta de sua mãe dizendo que ele deveria pensar melhor: – Ela é carioca.



(Martinália)



(Pedro Luiz e a Parede)



(Cabelo e Michel Melamed)



(Seu Jorge)

Para lá dos 70

Envelhecendo com dignidade, convivendo com as
Doenças, seja a diabetes, que deixa minhas pernas
Negras, o coração de mudanças de ritmo e de humor,

O pulmão com água. Envelhecendo e esperando a Morte. Sem revolta. Comendo de tudo. Tudo é Proibido. Sonhando com viagens que não posso Executar. O médico manda exames, às vezes os Faço, às vezes nem envio de volta: ficam no armário Canetas, relógios, fotos da família, contas já pagas e Várias pílulas, todas as cores, chego a tomar 17 ou Mais por dia. Se estou com raiva não olho a Prescrição. Esqueço. O que mais pode me acontecer



(Bia Grabois)

Morrer? Já nem sei o que é isto. Estou tão próximo Da morte que ela já nem existe. Estou dentro do Enlace da morte. Eu quero é que se foda. Desculpem -me. Envelheço com dignidade.

No Rio, Thereza Maria deixou de ler *O Globo* e deixou a UDN e passou a ler o *Última Hora* e a gostar do PTB. Lembrava-se do olhar de ódio, que sentiu pela primeira vez nos empregados, no dia da morte do Presidente Vargas, num almoço na casa da mãe de Ausinho, apelido familiar de seu marido. A Questão Popular aparecia. Darcy Ribeiro dizia que neste dia rompia com o Partido Comunista e começava a entender e a gostar do Trabalhismo. A família Melo Franco representando a UDN era acusada de brindar com champagne a morte do eterno Ditador.

Lembro-me de uma ocasião em que a conversa voltou-se para as semelhanças entre o assassinio de Virgílio de Mello Franco e a tentativa frustrada de morte contra Carlos Lacerda, na qual morreu o seu acompanhante, major Rubem Vaz. Concordavam todos que os dois crimes vinham dos mesmos autores, isto é, de um bando de baixos apoiadores de Getúlio Vargas (sem conhecimento, deste, é claro).

⁴⁹ Carolina Nabuco – *Oito Décadas* – Memórias

ERICSON PIRES:

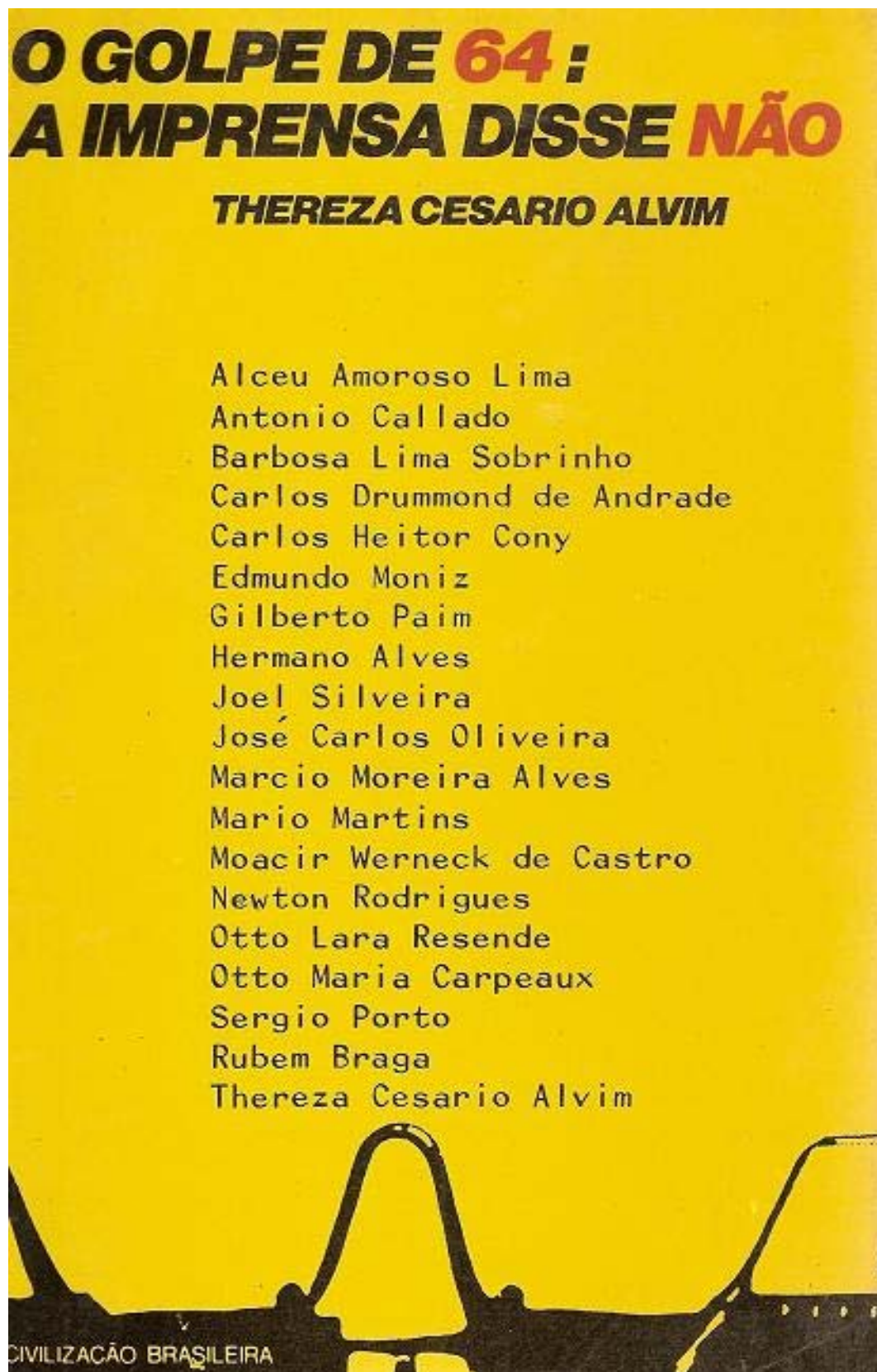
Minha leitura crítica não é para destruir o projeto, de maneira nenhuma, porque não existe outro nicho possível. E é o que estava falando na aula hoje lá. "Beleza, CPC 1962; 64, 65, 66, você tem o Paissandu, tem o Teatro Opinião, o Cinema Novo", mas sei lá ...eu acho que a gente é fruto disso, de criar espaços de resistência diante de um marasmo ... resistência afirmativa, resistência pela vida, na vida total ... diante de um marasmo em que a década de 90 acabou se configurando. A supremacia de um projeto que a década de 80 já ensaiava. Sem querer causar algum dano, lógico ... mas as coisas escapam ... e o ruído do CEP, noise ... deu uma respiração à cidade, pelo menos à classe média, essa classe média desesperada carente de espaço, diante desta perspectiva que é ... é uma respiração tão necessária que não tem como esquecer isso ou a gente esquece isto para viver isto como diria o bom Nietzsche.⁵⁰

O Brasil é um país confuso. Não é à toa que Darcy Ribeiro afirmava que fomos o último país do mundo a acabar com a escravidão. Parte dos escravos foi posta para fora das fazendas e os donos receberam indenização. Com os que ficaram nas fazendas convivi até os meados dos anos 90, quando o MST resolveu invadir a parte que me caberia deste latifúndio. Tempo haverá, tempo haverá, de ter um jardim em Maricá.

O Brasil é um país confuso, insisto. Getúlio Vargas, estancieiro no Rio Grande do Sul, tendo estudado em Ouro Preto, Minas Gerais, foi Ministro da Fazenda de Washington Luís. A Revolução de 30 foi apoiada por Minas Gerais e por Virgílio de Melo Franco, o irmão que seria o “político” importante da família Melo Franco. Preterido como interventor por Vargas que indicou Benedito Valadares, rompeu com Getúlio. A parte de Minas, denominada liberal – assim defendia o Senador e importante intelectual Affonso Arinos de Melo Franco, para elogiar D. Pedro II – esquecendo de falar do escravismo e das eleições sujeitas a renda, os eleitores não passavam de 2% da população – levou Virgílio à presidência da UDN. Outra parte dos Melo Franco ficou com Getúlio. Primeiro Presidente

⁵⁰ Ericson, poeta e professor, em entrevista concedida em 2004 para o filme CEP 20.000, de Daniel Zarvos, lançado em 2006.

do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN, atual IPHAN), da sua fundação em 1937 até 1968, pouco antes de sua morte, Rodrigo Melo Franco de Andrade



O Bestiário do Governo

THEREZA CESÁRIO ALVIM

ESTA, nem de encomenda! Precisei ler três vezes a notícia para acreditar em meus olhos. É verdade que o General Mourão Filho deu o primeiro passo para a familiarização dos civis com a linguagem algo ruralística dos quartéis brasileiros, definindo-se como uma vaca fardada. E logo adiante, deflagrando a briga em família pelo direito ao melhor lugar na mesa, o General Guedes dava um passo a frente aos circunspectos Ministros do Planejamento e da Fazenda, essa linguagem dolorida toma um sabor incomparável. La Fontaine foi superado no Brasil.

"Não é crível que se mude uma parelha de burros no meio da ladeira..." — disse o Marechal Castelo Branco, referindo-se à dobradilha Roberto Campos-Gouveia de Bulhões. Está bom? Imaginem os leitores a satisfação do Ministro Bob Fields, tido e havido como o Maquiavel da política brasileira, catedrático da Sorbonne nativa, ao ver-se emparelhado com Bulhões na reserva asinina do Exército. E o Ministro da Fazenda, a quem o maior inimigo não diria o conceito intelectual em que o tem bom número dos seus amigos, como terá recebido a pública revelação do papel que lhe confere o Marechal Castelo Branco?

O Marechal acrescentou: "...quando os burros são bons e capazes de levar a carga até ao seu destino". Mas, não te-

ríamos, em plena era da mecanização, outro modo de locomover a economia brasileira? Precisaremos utilizar a carroça, na íngreme ladeira do nosso destino, arriscando-nos a vê-la empacada a meio do caminho pela teimosia de uma parelha de burros? Não sabe o Marechal Castelo Branco que até os burros bons e capazes têm seus dias de burrice? E que não há chicotada que convença os simpáticos animais, pondo-se em perigo a carga e eles próprios e, pretendendo fazê-los subir a ladeira, acabamos por derrubá-los junto com a carroça? Burro é fogo, Marechal!

De carro de boi ou de burro, vamos rangendo pela estrada pedregosa que nos fez tomar o Marechal Castelo Branco. Na estação de 1.º de abril perdemos o trem do progresso que havíamos tomado à falta de recursos para desde já, dispormos de jatos supersônicos. Mas por que de carroça, por que neste caminho? Se estradas foram abertas e pavimentadas para nos permitir o uso modesto de um FNM! O Brasil tem pressa, Marechal, se não dá para chegar a jato, ao menos de caminhão.

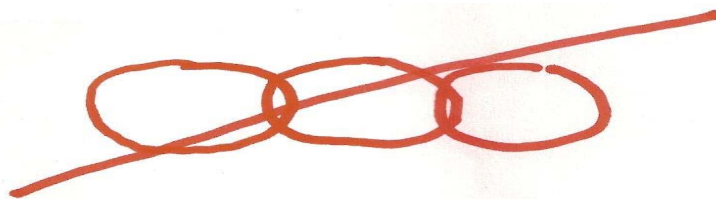
Enfim... Parece que a moda pegou. Hoje em dia não ofende ninguém comparações de tal tipo. Tanto assim que na Bahia, onde o rigor "revolucionário" é tanto que uma emissora de TV, escrupulosa cumpridora da obrigação de autocensura, tirou do ar a "Opinião" de Zé Kéti; na Bahia de todos os santos e de todos os mártires, um avião andou espalhando o versinho que logo transcrevo. Realizava-se naquele dia em Salvador, uma exposição asinina. Não sei se estavam presentes os Ministros do Planejamento e da Fazenda. Mas contou-me um leitor que sobre o povo baiano choveram papeluchos com a seguinte quadrinha:

"Terminada a exposição,
Um burro preto falou:
Lomanto, meu caro irmão,
Que prêmio você ganhou?"

É possível que o Governador Lomanto Júnior também honre a reserva asinal do Exército brasileiro. E que mereça um prêmio por haver-se deixado tão docilmente atrelar à carroça da "revolução".

U.H. 9/4/65

gerou, com Capanema, Lúcio Costa, o salão de 31 e Oscar Niemayer. Gerou Joaquim Pedro de Andrade, seu filho, já sem Melo Franco no nome. Vargas, com a Revolução de Trinta, deixou seu positivismo falar mais alto: na sua ditadura deu o voto para as mulheres, ampliou o espectro dos votantes e criou o Salário Mínimo, perseguiu e deixou serem torturados comunistas e derrotou os integralistas. De um dos seus lados, fundou o PSD, que gerou Juscelino, que foi gerado por Benedito Valadares. Com sua mão esquerda, criou o PTB e João Goulart, grande estancieiro gaúcho, vizinho de Getúlio, democrata, que teve a cabeça pedida pelo “Manifesto dos Coronéis” de 1954, pois Vargas propunha 100% de aumento para o salário mínimo e João Goulart era o Ministro do Trabalho. O salário mínimo só com o Governo Lula, decorridos 60 anos de sua criação, passa dos 100 dólares, até mesmo de 200, com o nosso Real por demais valorizado - SM 04/1995 – R\$ 70,00; SM 04/2008 – R\$ 415,00 - e que desde os anos 50 só vinha caindo, caindo e a violência aumentando, aumentando. Getúlio, com sua mão esquerda, criou também Brizola, casado com a irmã de Jango, que, junto com Rondon, Anísio Teixeira, Mestra Fininha e os poderosos matadores Ribeiros da velha Montes Claros criaram Darcy Ribeiro. Nicolau, meu pai, era inscrito no PTB de Getúlio, mas foi Thereza, prima dos Melo Franco, que conheceu Darcy e apresentou-o a minha irmã Claudia. Casaram-se. Desta confusão tenho também sido criado. Estes imbróglis serão menos óbvios e a República das Famílias ou de outros grupamentos privados ou públicos dará lugar a misturas menos homogêneas com a democratização radical que não se dará **CONTUNDENTE** com netos e bisnetos de políticos Fundadores da República e nem dos cantores da MPB e dos jogadores de futebol. Será o Socialismo Moreno de Darcy Ribeiro, a Sociedade de Controle ou a Barbárie... Voltemos ao salon bleu, ainda nos anos 50. O francês ainda é a língua mais importante do Ocidente.



1955 é o ano da vitória da chapa PSD-PTB, Juscelino e Jango, a UDN, partido liberal, representante dos interesses do capital internacional, que desejava uma modernização acoplada ao capitalismo mundial, não aceitava a vitória do PSD e do PTB. Tentou a frustrada anulação da eleição de Juscelino Kubitschek, incluindo a ridícula aparição de Carlos Lacerda vestido para a guerra com outros patéticos. Juscelino entra em cena com um projeto liberal, porém utilizando a força do Estado para seu “Plano de Metas”. De um lado abre o país ao capital internacional representado pela indústria automobilística, por outro cria condições para o surgimento autônomo da cultura brasileira de nível internacional representada na arquitetura por Oscar Niemayer, no cinema por Nelson Pereira dos Santos, na pesquisa gráfica pela *Revista Senhor* e pelo *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, na poesia, no Rio de Janeiro, pela pesquisa de Ferreira Gullar, em seu *A luta corporal*, e em São Paulo pelo Concretismo. Nas artes plásticas inicia-se, em 1951, a Bienal de São Paulo e a entrada do abstracionismo. Surgem Helio Oiticica e Ligia Clark. Na música, João Gilberto e Tom Jobim.

DEU NO JORNAL

Apesar de ter investido US\$ 12 bilhões no combate ao narcotráfico nos últimos seis anos – sendo US\$ 4,5 bilhões doados pelos EUA –, o governo da Colômbia continua perdendo essa guerra.⁵¹

Os anos 50 representaram para o mundo a radicalização da fundamental questão da divisão de um planeta entre a democracia liberal e a ditadura do proletariado. No vácuo há os movimentos de descolonização e de emancipação simbolizados pelas guerras da Argélia e Vietnam, em que a França sai de cena como potência bélica e começa a diminuir sua influência como núcleo do desenvolvimento

⁵¹ *O Globo*, Rio de Janeiro, 26/05/06.

cultural do Ocidente. Sartre resistia com o Existencialismo carregado de culpa e, na Itália, o Neo-Realismo carregado de soluções... e a ascensão de Nasser, no Egito, representando uma terceira via de desenvolvimento entre o capitalismo e o comunismo. A China havia feito sua Revolução Comunista em 1949 e a Índia em 1947 se tornando independente. O país que desde o início do século passado se apresentava como a maior potência econômica, os EUA, após sua vitória na Segunda Guerra, pretende se tornar o porta-voz das conquistas capitalistas, representado pela Bomba Atômica, a penicilina, a pílula, a geração Beat, a calça jeans e o Rock and Roll. A URSS (Rússia) responde com gastos para a internacionalização do Comunismo e com o homem no espaço. A terra é azul.

Azul

Cores mudam gente

Cores mudam casa

Mudam até a cor da cor da caneta

Se eu tivesse que nascer de novo

Seria uma cor:

Talvez verde... azul... não sei

Acho que até vermelho, amarelo

E cinza, mesmo achando

Desagradável ser vermelho, amarelo

Ou cinza para sempre. A idéia de

Ser azul ou verde na próxima encar-

Nação não me parece má.



Thereza Maria vem para o Rio de Janeiro, tornando-se, again, Thereza Maria Cesario Alvim. Logo conhece os atores Cláudio Correia e Castro e Adriano Reis, com os quais flerta, porém, é com Paulo Francis que tem um namoro mais longo. Como francês era fundamental, colocou uma professora em casa para ensinar os cinco filhos. Odiei. Achei graça no exagero do Paulo Francis que deu para nós uma enciclopédia *Larousse*, por via das dúvidas. Não adiantou. Aprender francês em enciclopédia não dava pé. No colégio Andrews, onde era obrigatório o francês, eu escrevia: “Je ne gost pas de estudier francê”. Os dois professores, que tive, me passaram. Devia ser por desejo da Coordenação. O inglês já ocupara o espaço em meados dos anos 60. Só passei para o doutorado tendo de fazer uma prova de subdesenvolvido, de exigência de uma terceira língua, fora a dos gringos da América do Norte e fora do necessário espanhol. Fiz minha performance e o professor Júlio Diniz me olhou com ódio quando eu argumentava a questão, para mim fundamental, se seria lógico uma prova de língua estrangeira para um doutorado de literatura francesa na Sorbonne. Ele, entre raiva, zombaria e desprezo me disse: – Você já viu a prova? Você acha que não passa? -. Fui para a casa de um Mestre do Departamento de Letras da PUC, meu amigo do CEP 20.000, Paulo Fred, que sendo filho de francês e estando fazendo a cabeça no candomblé, logo, de resguardo, tinha tempo de me ensinar a língua. Com sua capacidade afetiva me acalmou e, descobri na terceira aula, embebido em cerveja que ele não podia beber – Fred me via delirar palavras de provas anteriores – e que eu sabia ler o francês básico. Mais um fio desatado de passado. Darcy Ribeiro, que sempre só procurou ler em português e espanhol, me dizia que 98% do conhecimento letrado necessário para a formação de um bom intelectual pode advir das duas línguas que ele exagerava serem as mesmas. Quanto ao Inglês e ao Francês, dizia, era suficiente o básico. Quando recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Sorbonne, em 1979, um jornalista abobado perguntou como ele tinha recebido o título sem falar francês. Quase estragou a festa do maestro que respondeu com raiva: - Eu recebi o título não porque leio em francês, mas porque sou lido.

SE
RE A

JAMOS
LISTAs

EXIJAMOS O IMPOSSÍVEL



LIBERDADE LIBERDADE ABRA AS

A 2SASOBRENÓS

Thereza Cesario Alvim, pelas mãos do editor e namorado, Francis, começa a escrever para a *Revista Senhor* e entra para o *Última Hora*, inicialmente escrevendo crítica de teatro, e com o Golpe de 64, passa a ter uma coluna, que de costumes logo se torna uma coluna política. Não era tão fácil, no início dos anos 60, para os padrões brasileiros, entender uma desquitada, de nome antigo, mãe de cinco filhos, bebendo para além de muito bem e jornalista política de oposição.

MARCIA CIBILIS:

vc me pediu, e eu respondo.

uma história de fracassos, eu sei te faria bem. mas não é bem assim, explico...

eu era uma criança sensível e crédula no meio de uma esquizofrenia comunista.
explico

pai intelectual, mãe bovary e eu , aqui,, ou lá.. ou sei lá....

era cheia das certezas aos dez , pior aos onze,,,

cheguei no rio em 61 achando que o brizola era amado. fui para o brasileiro de
almeida ledo engano. brizola odiado . lacerda , o cara. . comecei a ficar gauche .
não parei mais .
até hoje..

naõ faço nada errado do ponto de vista formal.... acho que se tiver que ir pra
cadeia tem que merecer...

meus ídolos não morreram de overdose mas talvez de velhice. darcy , brizola, mas
eles só me amaram no fim.

sou uma filha da puta da revolução que eles não fizeram...

sou uma mal amada da revolução...

fiz qualquer coisa na vida para ser justa, e sigo fazendo

fugi do arrivismo, do oportunismo, mas talvez em algumas vezes o narcisimo me
pegou.mas se tiver uma causa justa, me chama que eu vou, mesmo sem mim eu
vou...

se quiserem saber minha história oficial clica no google, e ta tá
na real

perdi mermão...

na vera, um dia nós ganha...

ah..... aí fiz doutorado e fui deputada, professora pesquisadora, mas não fui, nunca
enganadora meu nome é marcia maria d'avila viana.



o nome que meu pai me deu.

graças a deus

ps sou atéia ou melhor tentei ser a toa. hoje sou avó



Comecei a conviver com Marcia em 83, início do primeiro Governo Brizola. Era vice-presidente da FAPERJ, fundadora do PDT, filha do Secretário de Governo, Cibilis Viana e companheiro de Brizola desde a prefeitura de Porto Alegre nos anos 50. Professor de Economia da UFRG, Ministro de Brochado da Rocha. Darcy era presidente da FAPERJ, acumulando a Secretaria de Cultura e logo o Programa Especial de Educação – Brizolões. Era Zarvoleta seu assessor. Cursando meu mestrado na UFRJ, vindo de uma viagem para a Bolívia, Titicaca e Cuzco, paisagens mais belas do planeta, com bolsa indígena a tiracolo, falando do festival de Águas Claras, e da minha campanha nas comunidades onde aprendi o que é viver, admirador das recém-criadas Associações de Moradores. Marcia me deu um sermão, pois era um caminho que ajudava a enfraquecer o Partido. Fiquei sem certeza como em várias conversas com Darcy. Porém sua inteligência e paixão, a crueza de sua convivência com Brizola e Cibilis no exílio no Uruguai, “cérebro de gallina”!, o envolvimento com ações de luta armada, seguido de um desbunde londrino, os contos de como havia sido formado o PDT após Golbery do Couto e Silva ter afanado a legenda PTB, fez-me enternecer por Marcia no primeiro dia. Ela é dos que Roberto Corrêa dos Santos define como “Os Exaltados”, na ordem de Glauber, Waly Salomão, Hélio e Pedro Pellegrino, Arthur Omar... sua poesia com minúsculas à la poesia marginal, faz sua voz estar presente, até hoje, influenciada pelos 70’s de Piccadily Circus. Comunista libertária. O fracasso de que fala Marcia foi, para toda sua geração, que não fez concessões aos tempos de implantação do Fascismo de Mercado.



A vivacidade de Thereza dominava: – Mas Samuel, eu não entendo de teatro o suficiente (afirmação sem provas, já que me foi contada). – Mas é isso que quero, uma pessoa comum, com bom gosto e inteligente. Não quero uma especialista. E arrematou brincando: – Ainda mais uma Cesario Alvim na *Última Hora*. Sua sobrinha e cúmplice, seis anos mais nova, Miúcha, casa-se com João Gilberto, e seu sobrinho, Chico Buarque, ganha o festival da Record de 66 com “A banda”. Em 65, antes do meu pai retornar, vi com ela o espetáculo Opinião e fiquei embaçado. O mesmo com o happening Opinião 65, no MAM. No ano anterior havia ficado triste e calado com o golpe de 64. Thereza parava muito pouco em casa entre trabalho, recuperação do tempo perdido de sua juventude e boemia. O perigo de prisão começava a rondar. Sem muito dinheiro, mas com bem mais que a média, contratara uma babá, muito ignorante, que tratava a mim e a minhas três irmãs na base do tapa. Thereza Cesario Alvim, humanista, porém “da pá virada”, deixava acontecer e meu mundo era de uma tristeza só. Apenas, nas peças do Tablado, lendo Monteiro Lobato e no colégio, o mundo era melhor. Tinha, em 1964, entrado para o Colégio Andrews e era abertamente protegido pelas professoras. O colégio era, naquela época, do Professor Carlos Flexa Ribeiro, udenista. Ele fora Secretário de Educação do Carlos Lacerda e candidato em 1966 a governador, quando perdeu para Negrão de Lima, um dos dois únicos eleitos da oposição consentida.

Violência Profissional

Por que não se permite plantar da boa, cada um na sua moradia, para utilização pessoal?

Por que não se permite portar da buena, cada um na sua rota? Animal.

Meu nojo pela política repressiva contra os maconheiros
É coisa do diabo, do coisa ruim, do capeta.

Traidores, vivaldinos, pais-monstros

T O D O S
 mil comidos, casca-granas, plantel de assassinos
 T E R R R O

Um bró da minha idade foi parado por um guardinha com carro lustroso nova (I)PM.

Praia de Ipanema. Cutucaram-lhe até as bolas – os violentos profissionais.

GADA

V

P

A

ME

SS

A

O

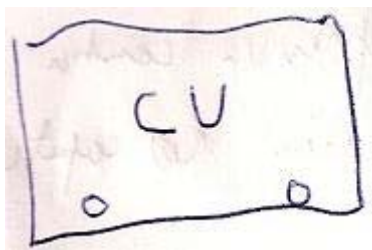
U

Seu filho tricolor levou pimenta no olho na
 Porta do maracanã. Reclamou ponto. Um PM dera um
 Tapa em uma senhora que vendia cocadas.

AA SS
 AA sus A
 gijalos
 SS AA
 Dezimulores

A polícia da maioria parva e seus justos apostos chefes-traficantes
 Metralhadoras, granadas, helicópteros, invasão de domicílio, humilhação
 Presos por trouxinha ou por roubar 1 queijo. Prisão. Abandono.

Perda de futuro. Democracia bastarda votada por bastardos.



HOJE ESTOU + VERMELHO
 HOJE PRECISO MAÇÃ
 HOJE ESTOU + AZUL
 HOJE PRECISO LÁBIOS
 HOJE ESTOU + VERDE
 HOJE PRECISO

ANDO ASSIM + VERMELHO
 ANDO MAÇÃ
 ANDO ASSIM + AZUL
 ANDO LÁBIOS
 ANDO ASSIM + VERDE
 ANDO

LOGO OS LIBERTÁRIOS SERÃO CENTENAS DE MILHÕES
 CONECTADOS

ABAIXO A DITADURA E A REPRESSÃO DA SOCIEDADE DE CONTROLE

VI

VA

HELLIO OI TI CICADO

WALY SALOMÃO:

F 14



F 15

Hélio Oiticica

(...) como está escrito em seu notebook: Nova York, 22 de julho de 1973: "... meu avô tinha um sonho: transformar e morar numa casa que fosse **TEATRO DE PERFORMANCE MUSICAL**: não importa: muita gente já viveu **SONHO-VIDA-TEATRO**, na verdade seria como **CASA-TEATRO** comunizar palco-platéia-performance no dia-a-dia: tão distante e tão perto do que eu quero."

(...)fez HO perceber que o **BABYLONEST** (Ninho da Babilônia) da Segunda Avenina constituía uma cidade cosmopolita compacta. *Kindergarten*, playground, laboratório, motel, boca, campus universitário contido em uma cápsula ambiental. O **NINHO** era provido de aparelhos de TV e controle remoto zapeando sem parar, jornais, rádios, gravador, fitas cassetes, livros, revistas, telefone (o fone não subutilizado como mero meio pragmático mas a conversa-carretilha compulsiva com suas vívidas interjeições parecendo improvisado quente de jazz, *talking blues* e rap), câmera fotográfica, projetor de slides, visor, caixas de slides classificados, caixa de lenços de papel, garrafas e copos descartáveis, canudos, pedra de ágata cortada em lâmina etc. etc ...

(...) Podendo passar dias e dias sem pisar o pé fora de casa chocando no ninho, entretanto, a rua estava tatuada no seu corpo-alma com um tão intensa osmose *trashy* que nele se aplicaria, sob medida, as linhas *action poetry* de Frank O'Hara: *I'm becoming / the street* (Estou me tornando / a rua).

"Bosta, Get Lost", envio Hélio um texto assim com este título *sarcástico* para o marchand Luiz Buarque de Hollanda. Que também riu e levou na esportiva.

Nova York representou a descoberta de novas rotações e afinidades eletivas. Afinidade eletiva:

a) com Gertrude Stein, que recuperou os gestos submersos prévios à cobertura semântica, mas, também, pela escolha decisiva do presente contínuo e por seu horror por tudo que cheirasse museu e mofo; aquela que disse: "Você vê que são as pessoas que geralmente cheiram a museus que são aceitas, e que os novos não são aceitos porque seria necessário aceitar uma diferença completa. É difícil aceitar que é mais fácil ter um pé no passado. Daí porque James Joyce foi aceito e eu não fui. Ele se inclinou em direção ao passado e, no meu trabalho, a novidade e a diferença são fundamentais."



F 16



F 17



F 18

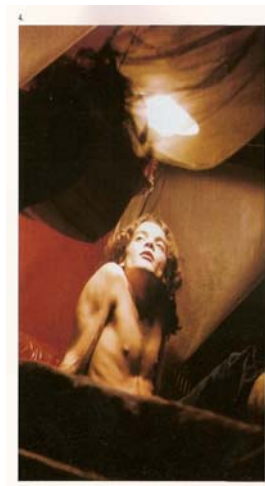


F 19

• Multitrilhas. Multipistas. O amplo leque de materiais que constitui o trabalho de Hélio Oiticica fica evidenciado no excelente balanço realizado por Luciano Figueiredo, curador-mor do Projeto HO, para a revista inglesa *Third Text*: “Metaesquemas, Monocromáticos, Relevos Espaciais, Bilaterais, Penetráveis, Bólides, Parangolés, Tropicália, Éden, Ready-Made Landscape, Magic Square, Ready Constructible — trabalhos propostos, construídos e executados por Oiticica com as técnicas e usos de materiais tais como óleo sobre madeira, telas, painéis, vidros, garrafas, caixas, cartões, areia, terra, brita, palha, feno, fotografias, pigmento, plástico, tecidos, conchas, latas, fogo, água, plantas, pássaros vivos, pedaços de mármore, náilon, juta, algodão, jornais, luz, couro, luvas, espelhos, folhas secas, tijolos, livros, telas de náilon, arame, elástico, cocaína, discos, canudos, café, borracha, asfalto, almofadas etc.” Mesmo sendo uma lista extensa e pluridiversificada de materiais, Luciano não pretendeu esgotar todos os elementos observáveis nos trabalhos de HO. Faço de oitava mais um punhado de acréscimos: palavras escritas, esteiras, cesta cheia de ovos reais perecíveis (ironia DADA!), aparelhos de TV, seixos, projetores de slides, bacia, tanque de eternit, gazes, bilhar completo (mesa, tacos, bolas, giz e jogadores reais), *headphones*, trilha sonora, canivete, nota de dólar, redes, lixas de unha, balões de gás etc.



F 20



F 21

Gostava muito do Andrews, apesar da cena esdrúxula de ter de cantar o hino nacional, por causa do golpe de 64, e dos óculos escuros da Diretora, que o Darcy, voltando do exílio, chamou de “estilo Geisel-funéreo” como os novos edifícios da orla com vidros fumê. Porém, apesar dos pesares, tinha orientadora pedagógica. Meu primeiro texto publicado num livro foi um relato, hoje se chamaria de poesia, em que contava que minha mãe havia me dado um cachorro, por orientação psicológica, por causa da minha solidão. O cachorro fazia muito barulho e não a deixava dormir. Ela acordava pontualmente ao meio dia com suco de laranja e os jornais trazidos por Tânia. Era a hora que íamos para o colégio. De ônibus escolar. Pelo menos ficava livre dos beliscões da Odete. Ela voltava tarde do jornal e da noite. Um beijo ao ir para o colégio e um quando ela chegava e eu e meus irmãos já tínhamos ido dormir. A hora irritante do Jornal das 8. Às vezes não conseguia dormir e esperava o beijo de boa noite. 1964 é um ano que não esquecerei. No somatório de meus mais de 50 anos, acho minha mãe algo irresponsável, porém fabulosa. Algo com o seu filho pingulim.



F 22



F 23



F 24

Como a gente se debate para morrer. Para trocar de vida
 Sair do abrigo. Onde está minha família? Estou refreado
 Só saio de casa a pé ou de carro à noite
 Passeio num raio de 3 quilômetros, o resto é fadiga

O passado vai se apagando. Vendi uma boa parte dos meus livros
 E discos
 Bom, é claro, saber que um brother está bem. Que a vida abençoa a vários
 Porém vai tudo perdendo a nitidez. O apagar da memória é morte
 A falta de desejo de conhecer o novo: – Henrique Cunha, venha já aqui
 A diretora quer falar com você!
 Sentado no quarto e sala, ainda, como amo cada pedaço daqui
 Não consigo morrer tão fácil. Não consigo esquecer. E, sem isso, fica mais difícil
 renascer.

Sófocles



Era 59, Resnais mostrava seu *Hiroshima mon amour*. Amor de quem? O amor que não pode dizer seu nome? No final do filme mostra-se o casal quando ele diz “me chamo Hiroshima”, em francês, com seu jeito, de paletó e corte de cabelo a la existencialista, de japonês ocidentalizado. Ou ela responde ou ela disse antes, “me chamo Havre”, em francês, a francesa que no início do filme podia ser japonesa. A confusão de identidade é o fio narrativo. Uma França, através do diretor, tentando entender o passado recente, desonroso, da sua capitulação sem resistência frente ao exército alemão. O que fazia o grande comandante do existencialismo Francês, preso em 40 pelos alemães, solto em 41, entra para a Resistência em 42 e publica *O Ser e o Nada* na França ocupada em 43? “É provável que quando for enviado à morte, ele vá com essa mesma absoluta indiferença”, escreve Primo Levi(p.42) no seu livro *É isto um homem?*, uma frase tipicamente existencialista. No final da vida Sartre numa entrevista que causou polêmica disse que sempre foi um homem feliz e que o pessimismo existencialista estaria ligada a uma questão estética. Entendo sua fala como pensador que procura encontrar respostas para seu tempo e não pensador que procura a verdade. Assim o filme de Resnais não procura uma verdade, não quer documentar os resíduos da bomba, apesar de que uma pequena cena de exposição de cadáveres já faz o coração do espectador se proteger frente ao indizível. Quer através da ação de

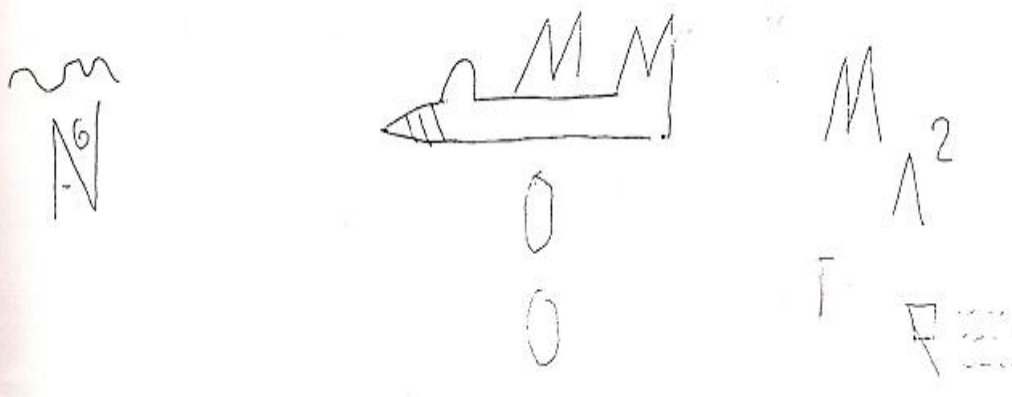
personagens entender o sofrimento de quem tem a sensação da perda ou da incomunicabilidade. Um impossível diferente do choque documental da fotografia. Você esqueceu, você não esteve lá: é sobre Hiroxima ou sobre a França, já que a personagem trai a pátria quando se envolve com um soldado alemão e tem de sair da cidade e tem o cabelo raspado na Libertação da França. **Ela** fala: você me ama, você me mata, numa sedução sado-masoquista, não querendo nem podendo esquecer seu passado que para ela é desejosamente perverso. E culpado. Ela não quer o amor razoável de seu marido francês, ela também não quer a ousadia de um novo amor. Ele, por outro lado, nessa união onde não há nome e de certa forma pessoa, quer objetivamente esquecer o passado e o encontra na francesa. Ambos são casados com outros. Ambos traem. Ambos sentem a sensação do passado que condena. Ambos estão num mundo, que promete utopias, após duas guerras com dezenas de milhões de mortes e de uma selvageria nunca antes tão brutal e racional, tendo seu símbolo maior no Holocausto. Tudo é relativo, às vezes penso na tristeza, melancolia de povos que Darcy Ribeiro definia como “Povos Testemunhos”⁵², herdeiros dos Impérios Asteca, Inca e Maia, onde houve uma redução de 10 para um, em 50 anos, de suas populações que continuam sentindo a falta de identidade e a exploração classista como entraves para sua **libertação**. Para sua existência. Chiapas é um caminho demonstrado. Morales conduz o processo e deveria conversar mais com o Lula. Ou o caso da população negra, pela radicalidade da opressão, mas também envolvendo mestiços considerados pardos e negros e mamelucos, ou nordestinos de origem popular, nossa massa de brasileiros que vivem com uma identidade emprestada já que, apesar de se acharem felizes, ainda não tiveram nem a possibilidade de se acharem infelizes. O filme de Resnais é triste, principalmente quando o casal conclui que seria melhor se ela tivesse morrido em Nevre, ou never ou neve, ou morrido para viver, espero, como no meu *Morrer*. A fala do japonês contém uma afirmação política muito respeitável. Sofrer não é esquecer política. Sofrer pode ser causa de ganho político e filosófico. “A filosofia a marteladas” de Friedrich Nietzsche. O casal do filme, apesar de não conseguir se comunicar, talvez apenas quando fazendo sexo, é solidário. Ela vivendo mais sua morbidez provavelmente menos incapaz de solidariedade e amor. Penso que se

⁵² Darcy Ribeiro – *As Américas e a Civilização*.

não é possível vivenciar o próprio luto, pelo excesso de racionalismo ou pulsões latentes, talvez seja melhor vivenciar outro luto, através de ações solidárias. Que o grito sufocado do desespero individual seja lançado por causas maiores. O filme de **R e s n a i s** é brilhante quando a francesa que não pode falar de seu amor proibido nem com seu marido, pode falar quando seu amante: assume o papel do alemão. Ele agora é ele. A música doce, a traidora da alma conturbada, embala, como uma mãe acolhedora, enquanto o espectador olha a cena onde o japonês pede esquecimento.

DEU NO JORNAL

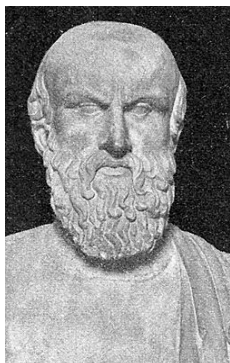
Apesar de ter investido US\$ 12 bilhões no combate ao narcotráfico nos últimos seis anos – sendo US\$ 4,5 bilhões doados pelos EUA –, o governo da Colômbia continua perdendo essa guerra.³⁴



Aqui entra *É isto um homem?* – Primo Levi. É bom comparar com o título *Ecce Homo* de Nietzsche, Eis o Homem, frase atribuída a quem mostrou Cristo a Pilatos. Juntando os títulos: – Eis um homem. É isto um homem? Nietzsche afirma que, superando a adversidade, se alcança a felicidade do Para Além do Homem. Para Aristóteles a felicidade é o que procura o homem na Justa Medida de seu período grego. Sendo que um homem com um grau de adversidade incomum talvez não possa alcançar a felicidade. Mesmo discordando da verdade do Herói ou da adversidade para sempre dos marcados pela insuficiência física, dentre a maioria próxima ao que se denomina normal – “de perto ninguém é normal”... Canta Cae, canta. Sigamos com Primo Levi, um escritor que pode não ter sido feliz, que pode ter se matado aos 68 anos. Tem gente que não tem certeza

de seu suicídio. Acho que quem se suicida aos 68 anos está cometendo eutanásia e não é um suicida débil. Mais tristes as mortes de Paul Celan e Walter Benjamin bem mais moços. Vamos entrar nas páginas de Primo Levi onde o escritor não se propõem a novas denúncias e sim a estudar serenamente, sem largar sua visão de cientista, o porquê de muitas pessoas ou povos continuarem a achar que o outro é seu inimigo, que o estrangeiro é seu inimigo. Antônio Cícero acredita, a partir de sua leitura de Kant, que a filosofia moderna tem como função pensar e manter a liberdade. Espinosa na sua *Ética* lembra “alegria gera alegria”, mas vamos ao indizível, e o trabalho de luto, que se chega a afirmar que consiste em matar o morto. Quem é o morto? E Levi diz que quando a ação individual passa a uma sistemática racional, isto leva ao extermínio em massa e no caso do nazismo aos campos de extermínio. O Te(ay)lorismo de Estado. “Lembre-se das crianças mortas”, cantam Vinicius de Moraes e Ney Matogrosso. O perigo é atual e real. Não só para judeus. Para muito mais gente. E como mostra Levi para quem defende a doutrina do extermínio tudo é rigorosamente certo. É a inversão de Aristóteles, ou a apropriação de que sendo Política a ação do bem comum, sendo o Eu ideal diferente de outros Eus, vale de tudo para acabar com o outro, já que se pensa apenas em defender seus iguais, não imaginando a possibilidade de alargar os Eus. Jorge Mautner lembra de algum ecologista radical que achando o homem o mais nocivo dos seres, propõe a aniquilação da espécie de Gaia.

Ésquilo



Dante Alighieri



W. Shakespeare



Voltando, Levi me parece mais verossímil quando alcança as palavras que se aproximam do que ele realmente viveu, do que não há palavras para expressar. Quando narra num processo mais mecânico o livro perde força e, seu estilo é

transformado; é de thriller, uma linguagem quase de aventura, perdendo sua força poética e de denúncia. Denunciar, num grande livro, não é dizer o que aconteceu, está no como diz o que aconteceu. Se pegarmos frases ditas em catástrofes ou em situações limite, ditas no estupor, saídas nos jornais, o caráter de verdade instaurada está nas palavras, é possível ver o que aconteceu, **o grito do horror**. Pois uma descrição curta do inferno da prisão já havia sido feito por Fyodor Dostoievsky, em *A casa dos mortos* e não muito bem sucedida.

Eurípides



Choderlos de Laclos



F. Nietzsche



O inferno insuportável de *Crime e Castigo* é onde Dostoievsky chega ao horror. Ao indizível. Para mim, até hoje, insuportável de ler até o fim. A beleza trágica do *Inferno* de Dante e de Nietzsche, os ciúmes em *Otelo*, o insuperável choque de *Medéia*, *Édipo* e *Prometeu Acorrentado*, a perfídia em *Relações Perigosas*, de Choderlos de Laclos, *Absalão*, *Absalão* de Faulkner e o *Estrangeiro*, de Camus, são bons livros didáticos para entender a megalomania e a inveja.

Fyodor Dostoevsky



William Faulkner



Albert Camus



Paulo Celan



FUGA SOBRE A MORTE

Leite-breú d'aurora nós o bebemos à tarde ⁽²⁾
 nós o bebemos ao meio-dia e de manhã nós o bebemos à noite
 bebemos e bebemos
 cavamos uma cova grande nos ares
 Na casa mora um homem que brinca com as serpentes e
 [escreve
 ele escreve para a Alemanha quando escurece teus cabelos de
 [ouro Margarete
 ele escreve e aparece em frente à casa e brilham as estrelas ele
 [assobia e chama seus mastins
 ele assobia e chegam seus judeus manda cavar uma cova na terra
 ordena-nos agora toquem para dançarmos

Leite-breú d'aurora nós te bebemos à noite
 nós te bebemos de manhã e ao meio-dia nós te bebemos à tarde
 bebemos e bebemos
 Na casa mora um homem que brinca com as serpentes e
 [escreve
 que escreve para a Alemanha quando escurece teus cabelos de
 [ouro Margarete

Ele grita cavem mais até o fundo da terra vocês aí vocês ali
 [cantem e toquem
 ele pega o ferro na cintura balança-o seus olhos são
 [azuis
 cavem mais fundo as pás vocês aí vocês ali continuam tocando
 [para dançarmos

Leite-breú d'aurora nós te bebemos à noite
 nós te bebemos ao meio-dia e de manhã nós te bebemos à tardinha
 bebemos e bebemos
 Na casa mora um homem teus cabelos de ouro Margarete
 teus cabelos de cinza Sulamita ele brinca com as serpentes

Ele grita toquem mais doce a morte a morte é uma mestra
 [d'Alemanha
 Ele grita toquem mais escuro os violinos depois subam aos
 [ares como fumaça
 e terão uma cova grande nas nuvens onde não se deita ruim

Leite-breú d'aurora nós te bebemos à noite
 nós te bebemos ao meio-dia a morte é uma mestra d'Alemanha
 nós te bebemos à tarde e de manhã bebemos e bebemos
 a morte é uma mestra d'Alemanha seu olho é azul
 ela te atinge com bala de chumbo te atinge em cheio
 na casa mora um homem teus cabelos de ouro Margarete
 ele atija seus mastins contra nós dá-nos uma cova no ar
 ele brinca com as serpentes e sonha a morte é uma mestra
 [d'Alemanha

**M
a
g
i
a

d
e

S
i
g
i
l
o
s**

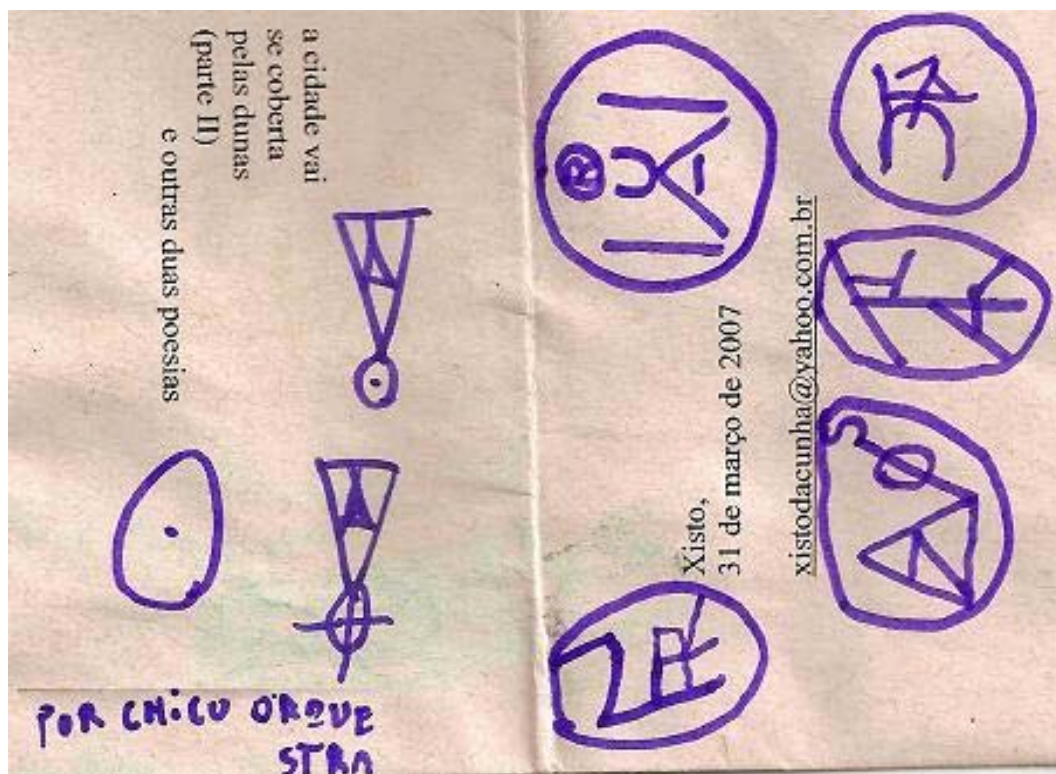
Sigilização é uma das técnicas mais simples e das eficazes formas de obter resultados mágicos usada por mágicos contemporâneos. Depois de ter conseguido sentir os princípios básicos da sigilização e ter experimentado alguns dos métodos mais populares de lançar sigilos, pode continuar a experimentar formas de sigilos que sejam únicas para si.

Fogo

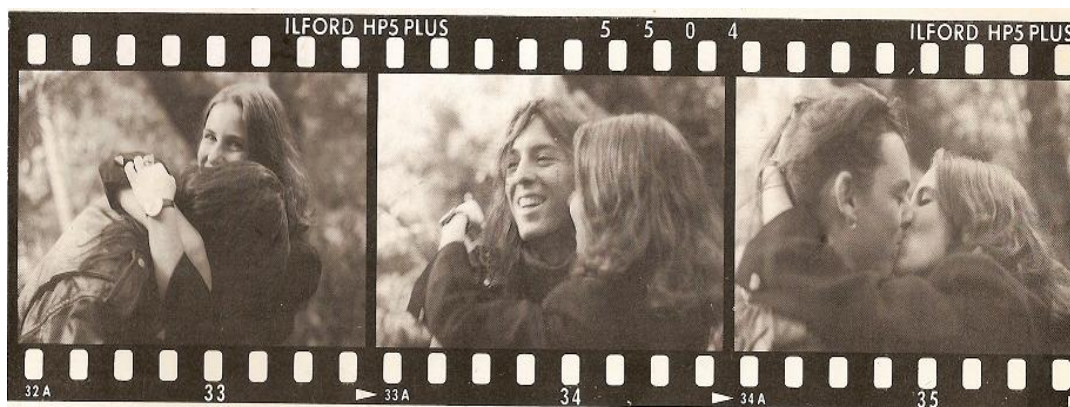
Isto é simplesmente a projecção do sigilo para o vazio ou multiverso no “pico” da Gnose/Vacuidade. Exemplos disso incluem o orgasmo, chegar a um estado de desmaio por hiper ventilação ou ser-lhe feita uma pergunta sobre a conversa aborrecida que supostamente estava a ouvir.

Por Phil Hine

Chico Maestro



Mauro Durão e Chico apareceram para ver na televisão o jogo botafogo x flamengo. Sem som. Dava para ir trocando idéia. Minha alma botafoguense vibrou no primeiro gol. Futebol pode ser bom. No segundo tempo um pênalti errado e o tricolor, do lado, falou: – futebol está perdendo a linha. É tudo marcado para o flamengo ganhar. O flamengo parece um produto da Rede Globo. Por isso que tricolor tem bronca da Globo. Ouvimos Jazz, conversamos sobre a vida. Mostrei minha tese/livro para o Chico e ele falou para abriremos o site da **Magia Sigilosa**. Me falou que eu estava escrevendo **sigiloso** e mostrou seus **sigilos** para nós. O jogo terminou na trave do flamengo no ataque do botafogo no último segundo dos acréscimos. A torcida botafoguense desde o grande time de 66, ou antes, sei lá, é **sigilosa**.



F 25

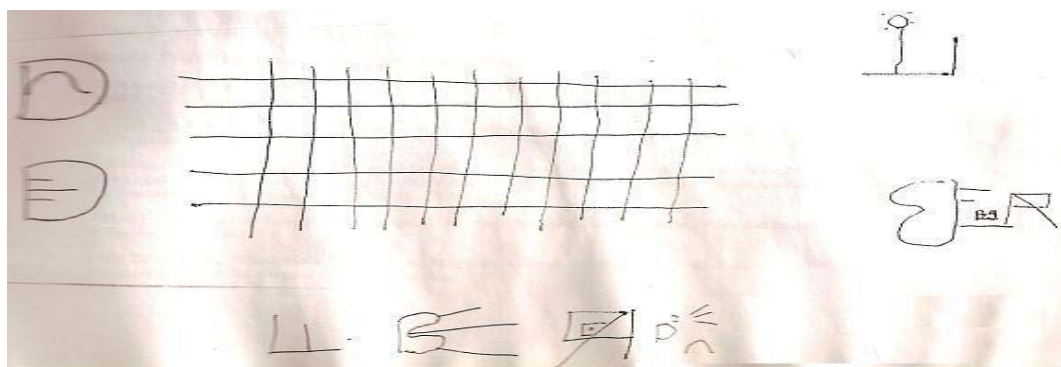
Kiko eu, eu kiko, kiko Erison, Kiko Laurent – Estúdio do Kiko

Os Impadinhas eram uma galera eu Ulisses Fernando Marcelo e Rogério. Nos conhecemos a gente tava sempre junto no Baixo Gávea. Era 88, o verde da praça alucinava, as meninas também. Todos, sexys. Aquele estúdio que alugávamos em botafogo era em frente da rua parada pelas obras do metrô. Naquela época já sabíamos que éramos ótimos. Naquela época. Era o fim cobra. Início de nós. Naquele mesmo tempo começamos a conhecer pessoas que começaram a tratar a gente como artistas. Tinha um maluco que nos convidou pra falar nossas letras lá na Faculdade da Cidade. Porra! Foi meio sem graça mas além de agradar, o Antonio Houaiss ficou atônito. No dia, o Poética fez sua última apresentação. Isabela. De ruas. Das ruas. Minhas nossas ruas. Das noitadas e da CAL. No dia, a poética de cada um. Terça-poética com bambas e novos sambas. ssssssss. Evento de evento sem necessidade de evento. Isabela. Vasques. Ximenes. Lomes. Todas vermelhas. Ruivo alucinante. Palco da cidade. Dentro: eu quero falar. Mourão, Gerardo: cúmplice. Financiando com o Fundo Rio. A merreca fundamental em Plano Collor. Resistência PDT. Isabela:. Corredor. Precisos preciso preciso...falarfalar....longa letra. Chico Buarque em performance interminável. Gerardo: – Guilherme falou no meu ouvido com sua voz de poeta ligado ao Olímpo, o que é isso, Isabela cantava cada vez mais como se estivesse possuída. O poeta insistiu depois de mais três minutos: Guilherme, acho que é melhor chamar o segurança – falou com delicadeza. Isabela, então, revelou com seu sorriso de 16, 17 anos que era sua performance. Beijos para todos e alívio na mesa conferencista. Eu. Outros. 88. Exército. Sandinistas. Sexo juvenil...como ver o velório de Prestes sem sentir dor? Minha dor: não ser nenhum nem ninguém que esteja vivo em outro tempo. Amo. Por que tenho que amar... minha chegada no

rio, movimento estudantil, OJL, molotov, greve geral, sindicato ferroviários. O plano era atravessar 3 ônibus na Brasil e parar a porra da cidade. Depois que veio a poesia. Essas coisas que eram muitas, Baixo Gávea Miguel Couto Vera Fisher. Cep que era em qualquer canto, pai que mesmo morto e brigado com metade desta esquerda besta. Tava lançando livro do meu pai na ABI. Minha poesia começava lá. Tava no Impadinha, no gramado alucinante, quase cama, com Marcelo, Ulisses e Fernando e várias mulheres... com algumas delas rolou bacana, várias. Seres protetores. Era ótimo quando rolava na cama praça lá no Postinho. Todos dias até as 8 da manhã. Cerveja sem Guarda Municipal e outras leis da Sociedade de Controle. A noite encontrava-se com o sol: sete vezes por semana... Isabella, Lollo, Claudinha, Leca, Carlucho, Maurição, Carlinhos Punk... comecei a me interessar por outras formas de arte, e ver que tinha muita gente do caralho fazendo coisas muito além do nosso mundo. Comecei a ver que tinha muito mais que o Rock... e isso nem fez me embolar com a rapaziada que caminhava para outro mundo. O Baixo foi crescendo de maneira absurda. Já estava antes no território, mas vi o dia que, após um CEP, final de novembro ou começo de dezembro e férias. Os bares foram ampliando por lá e nunca ofereceram uma cerveja. Nunca promoveram um evento da galera. Dinheiro e dinheiro. Se tivesse gorjeta, é claro. O chopp era caro e bebíamos sentados no meio fio e no jardim Santos Dumont. Lacerda, sim, até hoje um Gentleman maior. Em 93, virar noite fazendo miguelito não bastava. Tinha que ir me arrastar no baixo, Marcelo Pelicione e todos esses que tiveram que sarta fora pra não virar manada de partido, era noite, era todo santo dia, e o rio ainda era rio. Anarquia. Ralph, namorado de Gabi Duviver. Ralph, Anarco Punk, todo. Poeta de vida. Suicida de classe. Movimento vivo. Nudez no Acre. Dai-me misticismo e luta pela terra. Fazendo performance com banana. Eu ele, esmagando com uma borduna a matéria sólida de ferro. O esmagamento como nascimento. Manifesto do Planeta dos Macacos. Fim da CAL. Revolta saí com mais dez. Um coletivo de teatro contra o estabelecido. Teatro = vida. Nada de fazer cópias. Grupo Revolucionário Menino de Deus. No Arpoador alucinação 1991 de todos. Ninguém tinha visto tanta tocha, tanta gente, tanto espaço cênico. Grutas. Gatos cagando e correndo. O público como numa Procissão seguindo os Meninos Revolucionários. O evento promovido pela Prefeitura incomodando os vizinhos do Arpoador, teve o som

cortado na hora do silêncio determinado pelas Autoridades. Cláudio Monjope Antunes. Gênio inventor da música eletrônica carioca. Inventor de novos sons.

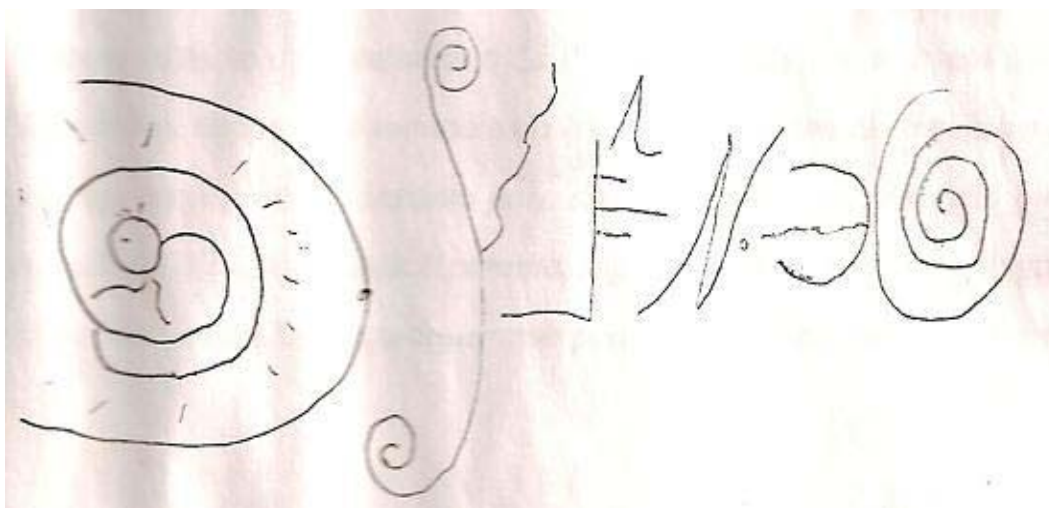
Música total. Comendo Rimbaud. Carlo Sansolo, Cláudia Pipoca, Ericson Pires. GRMJ. Desejo de invenção. O Evangelho segundo Glauber. Arpoador. Música. Teatro. Rua. Muitas Ruas. Naquele dia de cão ouvi com a rapaziada um tiro. Descemos. Era Maurício estirado no meio da praça, perseguido e morto por um segurança do poder do fraco. Mataram Maurício, tão jovem. Bar Sangres. O que se podia fazer era não mais botar os pés no bar dos acobertadores dos matadores. Na grama da praça, apesar das porradas, era muito mais digno. Jane: em final de 97 me casei. Tive Lucas. Faz 18 anos que toco baixo e mantenho meu estúdio. Agora Estúdio Túnel. Tenho saudade do Estúdio do Nanico e a sociedade louca com PA do Zarvoleta. Várias gravações de poesia para o CEP. Estão num mundo. Mais de uma dezena de falas precisas. Apareçam no Estúdio Túnel e no Penetrável CEPensamento. Estarei lá.



FERNANDO SANTORO:

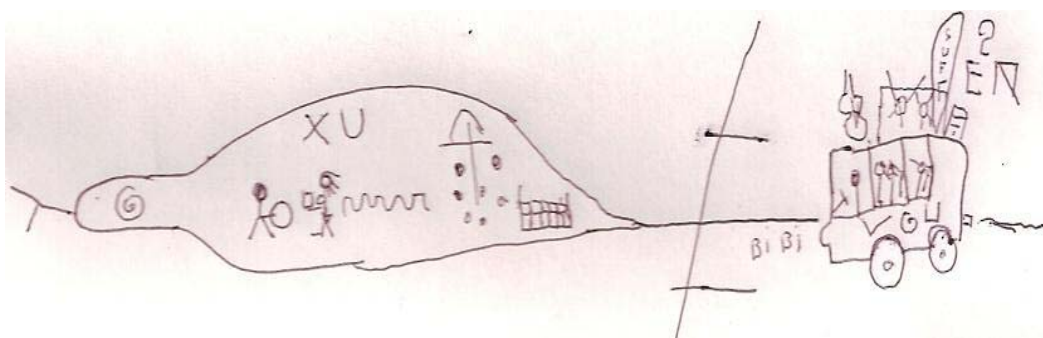
*Nós temos o Pedro Amaral, Tiago, Pedro Santos várias pessoas que seguiram essa trajetória de representação do pensamento nas fronteiras da filosofia com a poesia e com a literatura em geral. E é dessa fronteira que eu queria trazer pra vocês uma experimentação de uma idéia, que não é nova, mas é interessante, que é de uma ficção filosófica. Assim como existe uma ficção científica existe essa ficção filosófica. Ainda que a ciência seja o domínio da verdade e que a filosofia ainda pretenda ser um domínio de reflexão da verdade nós podemos fazer ficção da ciência e ficção da filosofia. Eu gostaria de apresentar fragmentos dessa ficção, que tem uma história, mas a partir de agora vocês comecem a decidir o que é verdade e o que é mentira.*⁵³

⁵³ Fernando Santoro, poeta e professor, em depoimento no lançamento da revista *CEPensamento*, no Espaço Cultural Sérgio Porto, outubro de 2005.



Anos 60 – Enquanto os EUA aumentavam seu poder, a Europa e o Japão se recuperavam da guerra. Imagine um Japão com uma Tóquio quase sem luz elétrica no final dos anos 50 e o que era o Japão em 1970. 20 anos ganhos. e pensar no Brasil entre 1982 e 2002. 20 anos perdidos. A Alemanha arrasada e faminta em 1945 e a Alemanha em 1965. Imaginar o Brasil daqui a 20 anos. Espero que, cada vez mais, seja tempo de crescimento e de maior igualdade de oportunidades dentro da democracia. É para você Et-leitor. Os marcos culturais Beatles na Inglaterra, Sartre aderindo ao maoísmo em 68 e a geração de 68, os pós-estruturalistas na França e Marcuse na Alemanha representando uma problemática contrária à ditadura do proletariado. Marcuse e Foucault demonstram seu saber nos EUA. E Che nas florestas bolivianas.

Nos EUA, o movimento da contracultura, com Andy Warhol, Fluxus, Movimento Hippie, Woodstok, inicialmente incentivados pelo Estado: inclusive com difusão de drogas nos guetos do país racista. Isto não podia passar em branco no Brasil.



DEU NO JORNAL⁵⁴

Estados Unidos da América



O estudo revelou também que há um abismo entre a proporção de pessoas de grupos étnicos, de origem ou cor diferentes. Um homem de mais de 18 anos branco em cada 54 está detido, mas esta proporção sobe para um em cada 36 para hispânicos e um em cada 15 para negros. Na faixa entre 20 e 34 anos, um em cada 30 americanos está atrás das grades — número que se eleva para um em cada nove para a população negra nesta faixa etária.

EUA

Os dados são piores, pois na faixa de 18 a 24 anos de população masculina negra, este índice aumenta. Imagine, imagine que faz muitos anos que esses índices vêm aumentando. Quantos negros americanos vivos já passaram pelas prisões?

⁵⁴ Jornal *O Globo*, Pág. 36, O Mundo – Sexta-feira, 29 de fevereiro de 2008.

“EUA podem destruir satélite espião a partir de hoje”.⁵⁵ Governo promete indenização caso haja erro; analista diz que China usará operação justificativa para militarizar o espaço.



**Escrever uma nova poesia é como abrir o peito
Hoje nadei 2.000 metros**

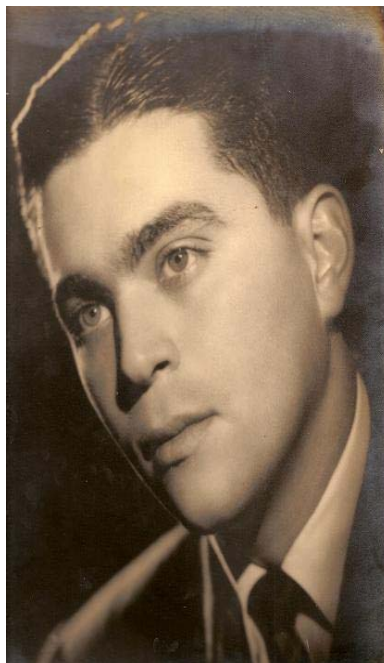
⁵⁵ *Folha de S. Paulo*, A26 – domingo, 17 de fevereiro de 2008.

Nesta terra cá, na cultura, o símbolo do início da década é o CPC, pretensamente um indutor de uma ação política engajada para ajudar na transformação social, sectário, como mostra Arnaldo Jabor⁵⁶, mas que carrega um símbolo da vanguarda concretista, Ferreira Gullar, para posições poéticas + pedagógicas com sua fase de poesia de cordel e longe da sua atual fase conservadora na política e na estética. O CPC contava com verba federal. A massa estudantil era de 1% da população brasileira. Passados quase 50 anos e não chegamos aos 10% nem com os programas do atual Governo Federal possibilitando que as universidades particulares troquem vagas por impostos e com o aumento do financiamento para estudantes. As Universidades Federais nas áreas humanas possuem bibliotecas de dar dó. Voltando, aos 60, a participação da juventude engajada se revela através, e sem permissão, de João Cabral e sua *Morte e Vida Severina*, levada por estudantes da PUC, com música de Chico Buarque, no teatro da PUC paulistana em 1966. Com o Golpe, o CPC – agora sem a ajuda estatal, com a crescente perseguição aos líderes estudantis e operários, após o episódio dramático da queima do prédio da UNE – se reorganiza e, entre outros, o dramaturgo Boal lança em dezembro de 64 o *Opinião*, agora já fazendo um lírico espetáculo de resistência. Heloísa Buarque de Hollanda (Hollanda, 2004) mostra com presteza que o título ainda afirmava que era necessário ter uma opinião e que a arte deveria ser condutora de soluções. A mistura de cantores e compositores de origem popular, Zé Kéti, negro, João do Vale, miscigenado, do Nordeste, e **Nara Leão** advinda da Bossa Nova, Zona Sul, agora representando a resistência democrática da classe média. Obteve grande sucesso e lançou, com a saída de **Nara Leão**, Maria Bethânia no centro das atenções, e com ela outro grupo de músicos e ideólogos representados pelos autodenominados Tropicalistas. Até 1968 a tensão política permitia as manifestações da classe média – já que as lideranças petebistas e comunistas estavam no exílio – que desaguaram nos Festivais da Canção. A Jovem Guarda caminhava paralela. No cinema, em 1964, é apresentado *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha, *Liberdade, Liberdade*, de Flávio Rangel, no teatro, e, nas artes plásticas, *Opinião 65*, em que o figurativo, com influência italiana e norte-americana, aqui é levado a uma crítica mais contundente ao sistema: por exemplo, com o Carlos Vergara, Rubens Gerchman e Antônio Dias. Pouco depois, já trabalhando com o corpo, e considerado geração 70, a radicalização política em 3D de Antonio Manoel que participa das ações públicas, como a *Apocalipopótese*, com Lygia Pape e Rogério Duarte no Aterro do Flamengo, que Helio Oiticica comandava. Barrio estava nas paradas.

⁵⁶ Jabor, Arnaldo. “As patrulhas ideológicas estão de volta”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 08/05/2203.

CARTA AO PAI

Pai, faz tão pouco tempo que voltei a entende-lo. E sem compreensão não pode haver amor. Você definido por Tio Antonio Carlos como “albino”, era na verdade um disléxico e não sabia. Agora, tão pouco tempo faz dois meses, lendo um jornal eu tive um *rittornello*. Você nem morava no Brasil e trocando sol sal, chol chal e sei lá mais que trocas, e sua mãe me levou ao psicólogo: senti pela conversa dos mais velhos que podia ser algo como propensão à esquizofrenia nos meus 6 anos só. Deu dislexia: entretanto o QI alto, sabe, vai compensar. Nunca compensei sem muito esforço, mais que eu podia. E agora voltar e agora viver sem culpa a dislexia.



A dislexia genética, meu sonhador. Sai difícil dizer **te amo** após tanto desentendimento. Mas, agora, hoje, ouvindo Miles Davis, fumando Parati, terminando a tese, com um casal de patos na varanda e seus flamboyants amados, amados, muito amados, como a casa que você construiu na fazenda de São Paulo, toda de tora encerada, escura, quase negra, cada tora, pai, era linda e os Flanboyants – como os véus da mamãe e da Tia Maria Amélia nos casamentos. Quanto tempo me atrapalho e agora entendo o ser **disléxico**. Liberdade para os pássaros. Mas como um homem que aos 18 anos comandava com pulso de gênio grego 3.000 trabalhadores abrindo a mata do noroeste paulista deixando aparecer o **Tietê e Urubupungá**, como poderia abertamente supor-se albino, termo que você não ouviu, ou disléxico, denominação adequada às crianças?



Estas são pai e mãe ~~clonadas~~ ~~de~~ falar. Tenho tanto
 que quero ~~menos~~ ~~ela~~ ~~menos~~ ~~ela~~. Tanto vi bem
 quanto pai. A ~~maneira~~ ~~orgânica~~ de ~~maneira~~ planeta
 vagaria como vento de brigadeiro: chao-
 late - chao - late.

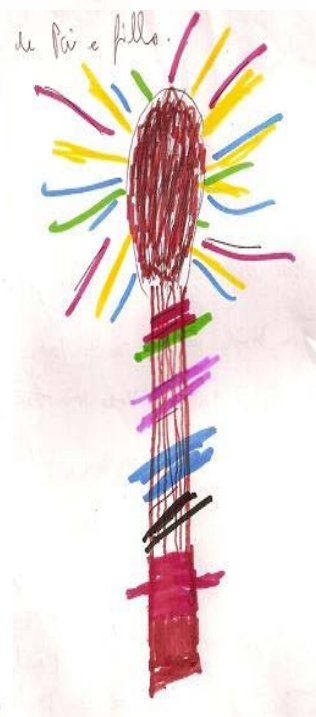
Voltando aos 17 → é como se
 ter pai sempre a vida. Volti. Ve ajudou



Unté, do seu filho
 filha

do — PARA A HUMANIDADE

Desculpe-me por ter usado dos seus trocozes
 e começado a lhe dar com um pedrigo, não foi lá
 que fez a língua, se não foi lá, a propósito
 sim, era necessário, vou sair por um minuto
 da sua santa história.



ASSIM PODE SER O AMOR DE PAI E FILHO

Mas agora não era 1964, era 1965 e Nicolauzinho voltou. Com ele uma guinada radical na minha vida. “Vida louca, louca vida”.⁵⁷

Era uma noite de sexta-feira na Chácara Pirajuçara – uma bela propriedade comprada caro, com lago e carpas, alameda de castanheiras, bosque úmido cheio de marias-sem-vergonha, vermelho batom de uso para o dia, piscina enorme, gramados, bichos de fazenda, cavalos de corrida e de pólo. Era lá que nós cinco, moradores do Rio de Janeiro, passávamos parte das férias, quando não na Avenida Paulista ou na fazenda do interior de São Paulo. Minha avó, afetuosa, dedicada, porém distante. Já tivera o sofrimento da perda do marido em 1949, a do filho, Cleon, em 1957, e a saída do primogênito em 59. Ela não tinha nada dos gregos, porém, tinha uma obsessão pelo filho mais velho. Nicolauzinho era o filho mais gostado. Eu não sabia, porém Haydée, com 65 anos, sofria do coração. Sentia falta do meu pai. Comigo, uma disparidade de renda em relação aos primos paulistas,

⁵⁷ Título de canção composta por Cazusa.

mas já com o orgulho do saber e da política, porém, tudo confuso, e a sensação de injustiça e de decadência e de sufoco e de melancolia e de asma e de hérnia sobrepunham-se à alegria da estética. Os jardins, já não tão bem cuidados, eu garoto de tufo a tufo, depois o jardim podado pela nova Av. Paulista. A alargamento da Av. Atlântica não me mexeu tanto. O mar ficou mais longe. O barulho das ondas e o cheiro da maresia afastavam-se das minhas noites dormidas na casa da avó Maria do Carmo. O sentido da solidão era o que é agora comer biscoito, trabalhar muito e assistir 15 minutos de televisão para me fazer dormir. Será que eu desliguei o interruptor ontem ou envolvi meus olhos com a canga

SO (L) U ÇÃO

Toda a família estava reunida naquela sexta-feira, e além da excitação, havia apreensão. – Quem vai chegar hoje? Perguntou minha tia e madrinha, Helena, irmã do meu pai, para vários primos, e eu respondi: – Nicolau! E ela riu, cúmplice. Falei por falar, para causar alegria e para me mostrar. Característica que conservei até pouco tempo.

LUÍS ANDRADE:

O ano de 1990 foi significativo para nós. Ele (re)inaugurou politicamente um espaço-tempo para as artes brasileiras. Sob os auspícios de uma Presidência da República nefasta, a extinção de importante órgão público dedicado ao fomento, arquivo e circulação da cultura – leia-se FUNARTE – deu início a um período quase-medieval para determinados campos da atividade criativa no Brasil. No gesto, as artes visuais foram atingidas, incluindo-se aí também o cinema – vitimado à época com o fim da Embrafilme. Nos anos que se seguiram após essa jogada de desmonte dos processos de discussão ético-estética, o país – em particular a cidade do Rio, sede do órgão extinto – teve de enfrentar um vazio minuciosamente calculado para neutralizar alguns de seus setores e personagens. Quem testemunhou, sabe. Inventariar os episódios.

Nota: Semelhanças com os idos de dezembro de 1968 não seriam coincidência quando, por decreto, as condições de invenção, produção e circulação da atividade cultural no país se viram submetidas a duras políticas executivas, entrando num período invernos de subsistência – onde o profissionalismo, tal como o concebemos, vira necessariamente exceção. (Andrade, 2003).

Meu tio Tito, o mais rico e charmoso dos irmãos naquele momento, vinha com seu carro esporte e todos olhavam – os que sabiam, um pouco apreensivos – e o carro veio se aproximando na curva que cerca o gramado. Eram dois vultos, e sem saber, já sabia que era Nicolau que chegava. Aí a confusão de abraços. Quando me dei de frente com ele achei-o estranhíssimo. Tinha sotaque em algumas palavras, era mais formal que o Paulo Francis e seu terno cinza escuro em 1964. Thereza terminando o namoro por Jorge Miranda Jordão, ela e Francis bebendo uísque no único bar na praia da Barra da Tijuca. Um imóvel pequeno, porém de bom estilo moderno, anos 50, Jorge roncando de calção largo na praia, meu irmão e o tempo passavam e a conversa demorava. Jorge, capotado, e eu não queria brincar com o Nick. Fora por causa das uvas verdes, que sabia caras, enormes uvas verdes, uvas italianas, em tempo de dificuldade de importação, que aceitei acompanhar minha mãe com os dois e meu irmão. Sei lá porque queria ir. Estava culpado por ter matado a escola. No dia seguinte fui docemente repreendido pela professora. Era Rio de Janeiro pré-Golpe de 64, a poucos dias da tragédia, e era feliz nessa sensação, era infeliz nessa sem(s)ação. Mas não era o terno formal, elegante e desleixado do Paulo Francis, era meu pai, sério, com gestual Poderoso, com os cabelos brancos, impressionantemente brancos. Contive-me para não mostrar qualquer estranhamento. Tive que ressignificar o que estava esperando. O pai que me mandava presentes e cartões de todos os lugares do mundo, mas que não aparecia, apareceu e, no mesmo dia, minha avó teve de ceder-lhe o quarto e não o vi agradecer. Bateu no meu irmão Nick, pois ele fumava e usava cabelos cumpridos à la Beatles. Ele gritava e assustou os filhos. Para mim, apareceu o Poderoso. Para Roberto Atayde, mais tarde, a sua entidade Dona Margarida.

É preciso salientar que algumas Universidades – como a UFRJ, UERJ, Universidade Cândido Mendes, PUC, entre outras – mesmo que em alguns casos viciadas em modelos anacrônicos de ensino – o que inclui os cursos de arte – desempenharam papel relevante no período. Para começar, temos de admitir que algumas dessas instituições passaram a abrigar em seus corpos docentes personagens da crítica de arte brasileira, artistas e pesquisadores, representando nesse sentido uma forma de resistência ao desmantelamento generalizado do meio ou circuito, conforme pudemos observar. A presença expressiva de membros

atuantes nos muitos campos da arte brasileira dentro dos setores de educação superior é, talvez, um dado novo entre nós. (Andrade, 2003).



F 26

1965 – foi um ano confuso

E a confusão apareceu. Nicolau explicou que não pôde trazer muitos presentes, pois não caberiam nas malas. Não sabíamos que algum temor ainda havia da pequena possibilidade de ser detido. Convidou-nos para ir à principal rua para compras, na rua Augusta, para a melhor loja de brinquedos de São Paulo, que já não era grande coisa em relação aos presentes que recebíamos dele vindos por estranhos caminhos de amigos que nem sabíamos quem eram. E vinha um trem elétrico que de tão grande nunca foi montado, bonecos com luzes e movimentos hiper-tecnológicos. Maravilhosos bonecos de guerra feitos de chumbo com que Nick não me deixava brincar, mas que eram magníficos com todos os detalhes. E os lápis *carrandache* da Claudia, que de forma mais bondosa deixava-me estragar um ou outro. E chocolates das Arábias. E Thereza, que mal me dava um ursinho de pelúcia ou bola de futebol. Não era falta de dinheiro. Era de mãe sem tempo mesmo. Nicolau falou impositivo: – Compre o que quiserem –. As prateleiras longas e de cor escura, o vazio da loja pela manhã, os jogos inúteis, autoramas sem graça, bolas coloridas, radinho de pilha de plástico, revólveres fajutos e só um forte apache muito do mais ou menos. Realmente, esperava comprar brinquedos e lápis-de-cor muito melhores. Não sabia que a indústria nacional era tão inferior às internacionais dos países mais ricos e as lojas de importados não eram coisas para criança. Importados fundamentais eram o cigarro, o uísque, perfume e, para os mais ricos, carros, vestidos para mulheres e pano de terno e camisa para os homens.

F 27



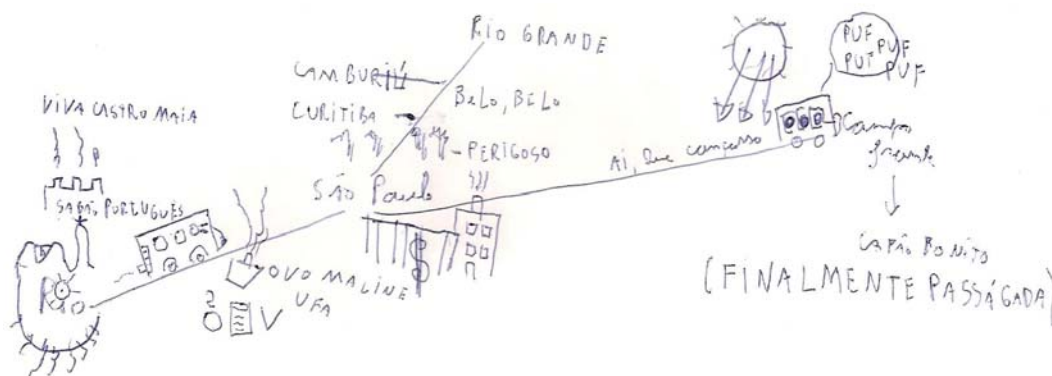
F 28



F 29



Nicolau era realmente estranhíssimo. Gostava dos militares no poder, adorava o Brasil. Acreditava na indústria nacional, amava passear com os filhos pelo país mostrando fábricas de minério ou cimento, a Amazônia, e plantações de todos os tipos: até de pimenta. Recebera da mãe uma enorme fazenda no Mato Grosso, agora do Sul. Falava mal do irmão que o espoliara: Ficamos com a terra, porém sem as vacas. Ele ameaçava matar e capar, enchia-nos de comida – breakfast com obrigação de um bife grosso de filet mignon, dois ovos de galinhas caipiras, salsicha e suco, para, então, só depois, os filhos poderem comer o adorado pão com manteiga na chapa feito por Seu Clarito. O leite vinha direto das vacas e era gorduroso fazendo-me ter saudades do CCPL de saco, um pouco aguado e bem mais bebível que tomávamos em casa. Leite puro de vaca só com Ovomaltine. Aí é para matar de bom! - principalmente na fábrica, na época simpática e moderna, na beira da Rio–São Paulo.



Longos passeios, eu, que viajava ao lado de Nicolau que pilotava, depois de 10 horas de andanças ameaçava dormir e ele gritava: – Machegas, filho meu!, e Zarvoleta aos 8 anos começava a desconfiar se estava realmente em ponto de

machegas. Sabia que ele nos amava, mas era estranho. O dia em que seu poder me transvalorou foi quando meu irmão jogava futebol com amigos que incluíam vizinhos pobres da chácara. Um primo mais velho, não era primo irmão, porém morava lá e era mandão, um pouco louco, se insurgiu montando um cavalo de pólo ameaçando taquear para acabar com o jogo de futebol. Meu pai também se insurgiu como um **Deus Louco** e gritou paralisando bola, cavalo, pés e

olhos: – Pára e sai daqui, meu filho está jogando! É tudo meu, é tudo meu! - A humilhação para o primo quixotesco foi evidente, e, enquanto eu fraco do Nietzsche, fiquei mais forte com o grito do meu pai, quixotesco de casca dura, e antevi meu poder. Era tudo falso e eu já intuía.

Elefante



Neste dia tudo pode acontecer. Sentar na sacada da sede da fazenda e olhar o longe.

O rosa e azul que tanto comove traz conforto na conversa pai e filho de 8 anos.

- Gosto, gosto de elefantes! Se eu pudesse eu teria uma fazenda de elefantes!

- Como não, vou lhe comprar uma fazenda para criar elefantes.

Ele falava transmitindo entusiasmo. O sonho era seu vento interno.

Não me agüentava de felicidade. Iria ter uma fazenda de elefantes.

A namorada de meu tio olhou-me como fosse o maior dos idiotas.

Senti-me no reflexo dos seus olhos um estúpido. O enganável.

Nunca mais falei de fazenda de elefantes com meu pai.

Às vezes ele preferia contar quanto custava um excelente hipopótamo.

Não queria um monte de hipopótamos na fazenda. Tanto faz.

O mal já havia acontecido.

Fui ver por estes dias de 2006 o filme *Buenos Aires 100km* de Pablo José Meza (Argentina, 2004), lá mesmo em Buenas, que trata de jovens com seus grandes e pequenos momentos indefinidos entre 9 e 15 anos. O que mais me chamou a atenção no filme foi que a narrativa era anti-épica, o que domina os filmes que pretendem chamar a atenção no cinema chamado de realista norte-americano. Ou porcarias como *Tropa de elite*, *Central do Brasil*, a nova fase de exploração dos pobres de Lúcia Murat ou a do grande cineasta Moacir Góes – Paquito da Xuxa. Sartre já falava que quando alguém é um escritor notável, como ele, ao rever sua vida, buscará os tempos e fatos que interessam para a formação da narrativa

(Sartre, 1984). Como os primeiros textos do jovem, futuro-global, geniosinho. Mais rápido foi o pai de Picasso que, dizem, desistiu de ser pintor profissional e ao ver Pablo com 9 anos sendo **Mestre**, tratou de investir em Pablito. O mesmo se dá na minha fábula, meu mostrengo mapa que enredo com breques e outros treques. Os fatos fundamentais não são os do dia-a-dia-a-dia. Entretanto os fatos do dia e da noite são imprescindíveis para uma análise que envolva o corpo.

Viva William Reich

E para uma análise

freudiana. Os garotos do filme têm a falta de potência que sentia e não aceitava. Sempre desejei fatos fortes e sonhos. O que hoje aspiraria como tranquilidade, na época, era castração e impotência. Numa mesma família, fatos semelhantes terão visões diferentes.

Transparência

Em um mês fui preso embriagado e recebi um soco, o coice, que me quebrou uma costela. Briguei com amigos, construí uma pequena casa e plantei árvores frutíferas. Ajudei a lançar O filme do CEP 20.000 e li muito. A qualificação se aproximava. Este quarteto repleto de Sangue tem todas as cores matizes para transparecer. Branco sobre o Branco.



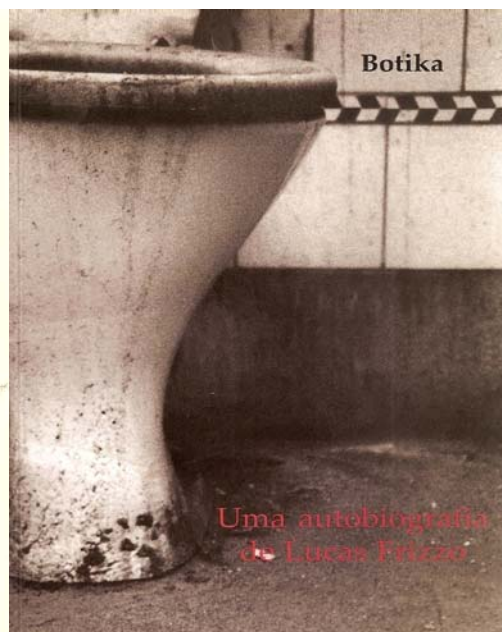
BOTIKA

CEP 20000

Quando nos conhecemos, formou-se uma galera. Devíamos ter entre treze e quinze anos. Todos já fumavam maconha, bebiam qualquer bebida alcóolica, escutavam Nirvana desesperadamente, cursavam a sétima ou oitava série de alguma escola da zona sul e eram, em sua grande maioria, virgens. Foi um prazer entrar no grupo. Havia mais liberdade ali do que nos lugares em que antes eu transitava em busca de novidade. Fui aceito logo, pois mostrei minha desenvoltura para os futuros experimentos e carregava um violão debaixo do braço.

Nessa época, 1997, passávamos os finais de tarde emburacados no buraco da casa dos pais de um de nós. Fumávamos muita maconha, cheirávamos muita benzina e tomávamos benzitrato, remédio de farmácia que, quando ingerido na base de quinze a vinte cápsulas, causava alucinações medonhas. Sempre o som ligado porrando os ouvidos e os neurônios pipocados. Aquilo não era muito normal para a nossa idade, que beirava os míseros catorze anos.

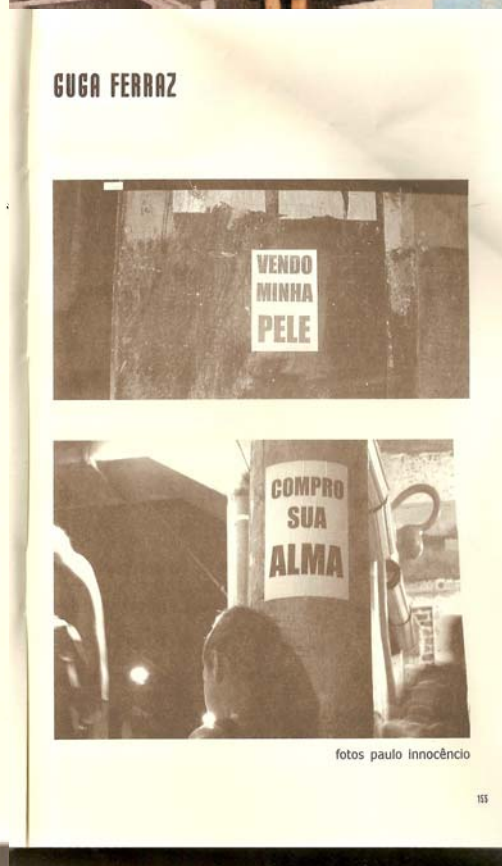
Se eu não me engano conheci o CEP 20000 quando ele estava completando dez anos de idade, e as festividades estavam borbulhando e transbordando: gravação de CD, livros e os animais soltos no palco, que palco ali no caso era o Sérgio Porto todo. Aí foi aquela história famosa, ou melhor, a famosa história de como se dá, em grande parte, a descoberta de jovens tímidos loucos para expor as próprias vísceras e a fim de praticar o equilíbrio circense em cima delas.



F 30



F 31



F 32

Eu e Vitor sentados na arquibancada em silêncio (o que é difícil, pois não conseguimos deixar de comentar, agredir, acariciar ou elogiar o que está sendo apresentado), e assim, de uma deliciosa treva algeical, gira o rosto de Guilherme Zarvos em minha direção e pergunta: você é poeta? Respondi na hora que sim, mas me questioneei sobre aquele negócio de ser poeta. Comecei a frequentar e logo estava participando em todos os eventos do CEP, não só como espectador, mas como experimentador, divulgador (preguiçoso), produtor, bebedor, apresentador e qualquer sentido que uma nova palavra possa sugerir para me definir como atuante no CEP 20000.

Pronto!! Havia finalmente encontrado um lugar onde fosse possível diluir minha paixão pela música e as infinitas formas de expressão numa panela de humano, bordada em pele e espumando líquidos translúcidos, principalmente transgênicos. Pois foi lá que descobri, que entendi, a possibilidade de modificar a genética. E é continuando lá, que, em paz, observo meu próprio corpo se mutar.

A forma como me joguei ali me fez gigante. Lá eu conheci Chacal, Michel Melamed, Guilherme Levi, Maurício, Pedro Rocha, Viviane Mosé, Joe, Cavi, Sergio Cohn, Paulo Fitchiner, Dado Amaral, Daniel Zarvos, Raissa de Góis, Cabelo, Domingos Guimaraens, Tantão, Rodrigo Britto, Tarso Augusto, Nil, Nilson Primitivo, Jonas Sá, Ericson Pires, Paulo Tiefenthaler, Roberto Alvim, Roberto Athayde, Rubinho Jacobina, Mariano Marovatto, Marcelo Callado, André Brito e muitos, muitos outros seres preto e branco multicolores.

Ou seja, lá estava eu e minha turma adolescente, cheia de rock and roll, quando de repente pisamos em solo cepiano. O CEP não é um lugar. O CEP é um convite, uma proposta, uma creche de lunáticos que salvam o mundo com seus pavios acesos na ponta de suas almas vibrantes. De lá pra cá, venho explodindo diversamente. Venho aprendendo a explodir, com todas as dificuldades do ofício.

Ser músico no Rio é cada vez mais difícil. Um pessoal que queira montar uma banda para tocar por aí não tem muitas opções. Não é possível montar uma verdadeira rede de casas de show de pequeno e médio porte onde exista estrutura para tocar, mídia para divulgar, e até mesmo um público cativo que compareça independente do que estiver acontecendo. Sem esses incentivos básicos não se faz uma cena. Não se reúne uma galera para se mostrar, se olhar, se falar e a partir daí expandir suas combinações. No CEP os ingredientes dessa receita visionária estão à disposição de quem chegar. E o CEP já deu lá suas crias, como o Te vejo na Laura, no Centro Cultural Laura Alvim, produzido por Maria Rezende e Rodrigo Bittencourt, o Tudo é Palco (que hoje se chama Geringonça) no SESC Tijuca e outros.

O ideal, a meu ver, é que se pratique o formato belo e deformado do CEP 20000 em diversos espaços da cidade. Que esses eventos sejam experimentais e ligados diretamente ao impulso das liberdades. Que esses eventos se comuniquem com as Lonas Culturais, as universidades, as escolas, os teatros e com quem estiver a fim de comunicar. O CEP prova que se um espaço oferecer estrutura, liberdade e cerveja, as pessoas, os jovens, estarão lá para se conhecer, se aprender, se flertar, se expressar, se experimentar e se apaixonar e se mostrar. Juntando todos esses resultados possíveis, o evento pode se expandir, produzindo revistas, jornais, quadrinhos, filipetas informativas, cd's com música e poesia falada, livros, vídeos, filhos, namoros, idéias mirabolantes, amizades e maravilhas, enfim.

Foi num dia de CEP, inclusive, depois de ter assistido a alguns poetas e bandas, que decidi ir tomar uma cervejinha ali no posto de gasolina ao lado do Sérgio Porto, onde também pode-se encontrar um povo polvo. Só que, ao sair do teatro, pisei em alguma coisa diferente. Levantei o pé e tinham três pipocas em fila grudadas em minha sola de sapato.

Quando observei com maior precisão, descobri uma trilha

Mesmo não sendo o objetivo do CEP ser o sucesso (no sentido pop), não compreendo ele não estar presente nessa categoria. Sua proposta é bem clara, simples e nítida: centro de experimentação poética. Na testa do CEP está escrito: venha, participe e experimente. Participe-se, experimente-se. Essa prática vem sendo usufruída desde o início e continua incessante. As pessoas continuam chegando, se conhecendo, se apresentando. Sempre será assim, inesgotável. Nós todos precisamos de um espaço ilimitado, onde se possa extrapolar, explodir, vomitar, cambalhotar e palavrear à vontade. Mesmo não se tornando um veículo exposto de massa, o CEP se propaga, e como um heróico vírus se dilui na cidade através das cidades que constrói na cidade.

O CEP me inspira a pensar e propagar a idéia e a vontade de mudar o que se classifica como geração, como tempo envolto por gerações. Acredito, ao observar meu amadurecimento a partir do CEP, que uma geração seja a existência de um grupo que viva agora, de uma vez só. Sendo mais amplo, acredito que minha geração são todas as pessoas que estão vivas ao mesmo tempo agora. Quando conheci o CEP, ele já tinha dez anos de idade. Conheço e sou amigo de pessoas que estavam presentes em seu nascimento quando tinham a minha idade. Nós estamos todos juntos, pensando ao mesmo tempo, oferecendo temas e discutindo os temas e modificando os temas. Posso considerar a experiência de alguém mais velho como minha memória, e a voracidade do que meu sangue novo traz, como a visão do mais experiente. Ou seja: acho que o CEP oferece, naturalmente, uma lucidez. O CEP oferece uma parceria, uma dança com o que está acontecendo e uma soma ao que está acontecendo.

Agora tenho quase vinte e três anos de idade, e não só eu como todos estão desesperados. Tenho a impressão de que a cidade, o Rio de Janeiro, está falida culturalmente. Não falo das pessoas ou do que está sendo produzido pelas pessoas. Falo dos lugares e estruturas e iniciativas que cada vez mais não existem.

de pipocas que saía do Sérgio Porto e seguia numa direção inusitada, para o outro lado da rua num lugar mais escuro e deserto, com plantas verdes cintilando em minha direção. Decidi seguir sozinho a trilha de pipocas, meio alucinado e hipnotizado pela clorofila noturna.

Eram muitas pipocas. Um verdadeiro caminho de pipocas, como uma fila de formigas. Seguindo-as como se fossem a trilha de miolo do pão que João e Maria usaram como guia para não se perderem, cheguei a um bueiro sem tampa. Era só aquela circunferência, aquela boca escura, levando direto ao esgoto do Humaitá. Do escuro, lá do fundo e de sopetão, salta um tatuí para a superfície e cai ao meu lado apontando pra mim.

O tatuí, sem qualquer timidez e despreocupado com a impossibilidade daquilo estar realmente acontecendo, abre a boca e solta: "gosta de pipoca?" Eu que não sou besta respondo em seguida: "claro que gosto. Quem não gosta, não é tatuí?" O bichinho de praia faz uma cara de desapontado e diz: "Botika, meu amigo, você já deveria saber que eu não sou tatuí, querido. Eu sou um Piquineiziuns Pipocolhus Adictus."

Sem mais delongas, o Piquineiziuns pipocolhus me levou às galerias subterrâneas da cidade onde sua espécie vive ainda. Paramos numa enorme galeria fluvial onde estava acontecendo uma degustação de pipocas. Milhares de Piquineiziuns degustando pipoca trazida de diversas localidades da superfície. Não pestanejei e entrei no grupo. IÃO É COMIDA. só como dessa pipoca. Em subli iuns Pipocolhus Adictus.





F 33



F 34



F 35



Sérgio Buarque de Holanda na fazenda de José Luís Pasto, autografando o livro *Velhas Fazendas do Vale do Paraíba*, Rosicira, São Paulo, 1975.

F 36



F 37



Sérgio Buarque de Holanda, Berlim, 1930. Fotografia de Kople Habé.

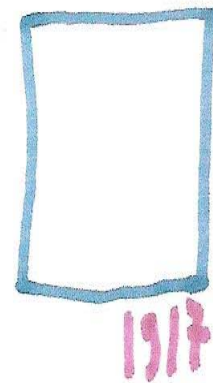
F 38



F 39



F 40



F 41

